

# AS ACTIVIDADES INDUSTRIAIS NO DISTRITO DE ANGRA DO HEROÍSMO, 1852-1910 um mundo de possibilidades escassas

por  
Paulo Silveira e Sousa\*

## 1 - Introdução

Neste artigo pretendemos apresentar os primeiros dados do que desejamos vir a constituir uma nova interpretação historiográfica do processo de transformação económica do sector industrial do distrito de Angra do Heroísmo, durante a segunda metade do século XIX e primeira década do século XX. Seguindo alguns trabalhos recentes da história económica portuguesa, mais do que insistir nas persistências e no lado tradicional da economia de ilhas como a Terceira, São Jorge e Graciosa pretendemos antes demonstrar como existiu dinamismo e como o distrito e os seus protagonistas foram capazes de apostar na reconversão e na diversificação do seu reduzido sector industrial<sup>1</sup>. Esta intenção leva-nos a estar igualmente atentos quer aos constrangimentos, quer ao campo de possibilidades existente no arquipélago, analisando os mercados e a capacidade de diversificação e de modernização deste sector, no quadro de uma região que era e permaneceu marcadamente agrícola. Procedendo desta

---

\* Instituto Universitário Europeu (Florença, Itália).

<sup>1</sup> Entre eles destacam-se Jaime Reis (1987), “A industrialização num País de desenvolvimento lento e tardio: Portugal, 1870-1913”, *Análise Social* n° 96, pp. 213-215; e Hélder Fonseca (1996), *O Alentejo no Século XIX: Economia e Atitudes Económicas*, Lisboa: Imprensa Nacional.

forma veremos como estávamos perante um mundo de possibilidades escassas, mas onde, no entanto, se tentaram várias vias de transformação. Nesta abordagem reforçaremos ainda o papel destacado dos agentes económicos e a importância dos seus desempenhos. O suposto fraco dinamismo das elites económicas, o peso da rotina e da tradição, ou a falta de apoio do Estado deixam assim de poder ser encarados como os inevitáveis grandes culpados do atraso económico das Ilhas. O retrato que emerge nesta nova interpretação será, pois, mais diversificado, dinâmico e pleno de diferentes matizes.

Nos Açores o sector industrial nunca conseguiu alcançar um peso relevante. Maria Isabel João refere que o crescimento do sector industrial apenas chegou às principais ilhas nas últimas décadas do século XIX, acompanhando um movimento que de resto é comum ao continente<sup>2</sup>. Por sua vez, Sacuntala de Miranda, defende num outro trabalho, sem apontar grandes exemplos ou fontes, que os anos terminais da década de 1870, assim como a década de 1880 foram anos de uma profunda e dolorosa reconversão produtiva na Ilha de São Miguel, depois das décadas de prosperidade da exportação da Laranja. Nestes dois trabalhos vemos como o reduzido arranque industrial açoriano foi tardio e concentrou-se em São Miguel, a única ilha razoavelmente dotada de recursos naturais, mercados, capitais e boas ligações com o exterior. Porém, mesmo aqui, a indústria manteve-se estreitamente ligada a algumas produções agrícolas de carácter mais capitalista e intensivo, como o tabaco ou a batata doce para produção de álcool.

Comparada com São Miguel a industrialização do distrito de Angra foi um esforço ainda mais lento, acompanhado de crises e que lutou sempre com a pequenez do mercado interno, com a fraca capacidade para produzir culturas industriais em larga escala, com dificuldades várias em colocar os produtos no exterior e com a concorrência dos produtos importados. Durante as décadas da primeira metade do século e até aproximadamente ao decénio de 1880, ela pouca importância manifestou no conjunto das actividades,

---

<sup>2</sup> Maria Isabel João (1991), *Os Açores no Século XIX: Economia, Sociedade e Movimentos autonomistas*, Lisboa: Cosmos, pp. 99-101; Manuel Villaverde Cabral (1979), *Portugal na alvorada do Século XX. Forças Sociais, Poder Político e Crescimento Económico de 1890 a 1914*, Lisboa: A Regra do Jogo; Jaime Reis (1987), "A industrialização num País de desenvolvimento lento e tardio, pp. 213-215.

perante a preponderância das exportações de cereais, laranja e gado bovino. Somente a partir desta última década é que as indústrias do álcool e, mais secundariamente, do tabaco e dos lacticínios começaram a prosperar.

A ilha Terceira tem estado permanentemente associada a uma imagem de touros, fidalgos, tradição e continuidades estruturais, sempre descrita como uma sociedade tradicional incapaz de se adaptar à mudança ou de promover o crescimento económico. Neste artigo queremos também destacar que esta interpretação fica muito longe da realidade. Mais do que o seu reflexo ela é uma das mais fortes imagens produzidas pelo descontentamento dos habitantes das ilhas<sup>3</sup>. Como veremos em Angra do Heroísmo existiram indivíduos e famílias que investiram regularmente nas actividades industriais e em vários casos com sucesso. Contudo, chamar-lhes industriais será talvez excessivo. Como veremos eles eram antes investidores que colocavam os seus capitais em vários sectores de actividade, dos quais a indústria só marginalmente era o principal.

A historiografia portuguesa até à década de 1980 dava como exemplo da persistência da tradição e como uma das causas da não modernização da economia do País, a fraca capacidade de inovação e de espírito empresarial da burguesia nacional, que sempre preferiu territorializar-se a investir em força em actividades mais progressivas e de maior risco, como a indústria<sup>4</sup>. Porém, estudos mais recentes dizem-nos que o investimento no comércio, na especulação financeira e na propriedade fundiária eram, de facto, aqueles que garantiam maiores rendimentos. Ao pé deles a indústria era menos remuneradora e menos segura.<sup>5</sup> Neste artigo tenta-

---

<sup>3</sup> A nosso ver ela deveria, sobretudo, chamar-nos a atenção para a necessidade de compreender as condições sociais em que emergem os discursos de crise, quais os seus produtores e protagonistas, assim como os efeitos que estes esperam obter na estrutura de relações e de forças interna ao campo do poder e da política. Simultaneamente é impossível compreender o alcance e a veracidade destes discursos sem os confrontar com uma análise mais quantificada das dinâmicas sociais a que eles se referem, bem como da sua evolução.

<sup>4</sup> Veja-se Vitorino Magalhães Godinho (1971), *A Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*, Lisboa: Arcádia.

<sup>5</sup> Cf., por exemplo, Jaime Reis e Helder A. da Fonseca (1987), “José Maria Eugénio de Almeida, um Capitalista da Regeneração”. Lisboa: *Análise Social*, vol. XXIII, nº 99, pp. 863-904, e Hélder Fonseca (1996), *O Alentejo no Século XIX: Economia e Atitudes Económicas*.

remos discutir estes factos, analisando os indivíduos que investiram no sector, assim como a sua trajectória durante os anos que medeiam entre a década de 1850 e a primeira década do século XX.

Sabemos que muito falta estudar para conhecer com detalhe e um razoável grau de certeza a história económica dos Açores durante o século XIX. A elaboração de séries das principais produções agrícolas, do movimento do comércio externo, do próprio comércio inter-ilhas, de trabalhos sobre o sector do crédito, de cálculos da estrutura e peso dos diversos sectores de produção ou das contas públicas tem sido particularmente descurada. No entanto, este artigo desenvolve-se ainda numa linha descritiva e interpretativa. Não entraremos para já em cálculos mais sofisticados que apesar de necessários terão que ser remetidos para investigações posteriores.

## **2 - Um sector reduzido mas em lento crescimento entre as pequenas oficinas, a produção artesanal, a transformação de produtos agrícolas e a escassez de mercados**

O espaço económico açoriano estava, nesta segunda metade do século XIX, profundamente desarticulado e desintegrado. Por um lado, as culturas de subsistência garantiam uma enorme auto-suficiência às populações camponesas que seguiam uma vida o mais autárquica possível, por outro, as culturas de exportação eram dirigidas principalmente para os mercados externos, quer se tratasse do mercado continental (cereais, laticínios e álcool) ou do estrangeiro (laranja e ananás). A produção para o mercado regional era fraca ou inexistente e reduzia-se quase a uns tantos produtos tradicionais, sendo a maior parte das mercadorias manufacturadas importadas do exterior. Na realidade, mesmo as tentativas de modernização e de incipiente industrialização que se começam a registar nas últimas décadas do século XIX em São Miguel e, em menor escala, na Terceira estavam sobretudo viradas para o exterior, face a um mercado interno pequeno e bloqueador.

Realizado em 1852, o levantamento das manufacturas existentes no País considerava somente aquelas que empregassem mais de 10 trabalhadores, acrescentando ainda dados quanto à utilização de tecnologia. Por ele ficamos a saber que em todo o arquipélago apenas o distrito de Ponta

Delgada possuía unidades que cumprissem estes requisitos de dimensão. Apesar de já existirem pequenas unidades nas outras ilhas a sua dimensão e carácter quase artesanal faziam com que apenas fossem referidas uma fábrica de moagem de cereais e de uma outra de loiças, ambas a laborar na cidade de Ponta Delgada. A primeira empregava 17 e a segunda 11 operários existindo numa dois menores de 16 anos e na outra cinco menores, em qualquer dos casos não havia ainda emprego de mão de obra feminina<sup>6</sup>. Mesmo sendo o mais destacado a nível do arquipélago Ponta Delgada era um dos distritos nacionais menos industrializados: com menos fábricas e menos operários apenas surgia Vila Real<sup>7</sup>.

Do mesmo modo, apenas em Ponta Delgada existia uma única máquina a vapor, com a potência de 18 cavalos, sendo utilizada numa fábrica de farinha para moer trigo. Ela já havia sido comprada em 1848, tendo sido importada de Inglaterra<sup>8</sup>, provavelmente com dinheiro ganho na exportação de laranja. Tratava-se de mais uma tentativa de concorrer no mercado interno e talvez nos mercados externos com a farinha importada, face a uma produção local e a uma exportação de cereais que não os processava directamente, sendo vendidos em grão, na região e no estrangeiro. Contudo o sucesso desta tentativa de implantação da moagem moderna foi de curta duração.

O desenvolvimento da economia micalense fez instalar, durante as prósperas décadas de 1850 e 1860, pequenas fábricas e oficinas que formavam um reduzido sector, concentrado nas áreas mais urbanizadas<sup>9</sup>. Mas, apesar de ter estado em permanente crescimento e reconversão este pequeno sector não era suficiente para estimular o arranque industrial da ilha mais importante do arquipélago, nem sequer para garantir lucros elevados.

---

<sup>6</sup> Sebastião Ribeiro de Sá (1857), *Relatório da Repartição de Manufacturas do Ministério das Obras Publicas, Comercio e Industria...*

<sup>7</sup> Veja-se também Maria Isabel João (1991), *Os Açores no século XIX...*, pp. 77.

<sup>8</sup> Sebastião Ribeiro de Sá (1857), *Relatório da Repartição de Manufacturas do Ministério das Obras Publicas, Comercio e Industria, Apresentado à Câmara dos Senhores Deputados pelo Ministro e Secretário de Estado Respectivo*. Lisboa: Imprensa União Tipográfica.

<sup>9</sup> Cf. Fátima Sequeira Dias (1995), “Decadência da economia da laranja e o despontar do ideal autonomista na ilha de São Miguel”, *Actas do Congresso do 1º Centenário da Autonomia dos Açores*, Ponta Delgada: Jornal de Cultura; e Joaquim Cândido Abranches (1869), *Albúm Micalense*, Ponta Delgada: Tip. de Manuel Correia Botelho, pp. 38-41.

Os grandes negócios, as grandes fatias de rendimentos eram ainda originadas no comércio, de grosso trato na usura e na terra. Só a partir da década de 1880, e perante o fim da exportação de laranja, é que a grande indústria aportou a São Miguel com o desenvolvimento do tabaco e do álcool.

Na Terceira as pequenas fábricas existentes concentravam-se em Angra do Heroísmo, principal centro urbano do distrito, tal como de resto acontecia em São Miguel com o caso da cidade de Ponta Delgada. Na segunda metade da década de 1860, os estabelecimentos fabris de Angra eram não apenas em pequeno número, mas também de pequena dimensão. As unidades mais modernas eram a fábrica de álcool de Guilherme António de Lima Monteiro<sup>10</sup> que trabalhava desde 1858, com uma máquina movida a vapor com uma potência de 30 cavalos; a fábrica de sabão de João Marcelino de Mesquita Pimentel<sup>11</sup>, que empregava dois operários e estava preparada com os convenientes fornos e chaminé, autorizada a laborar desde 1863; e duas pequenas oficinas de chapéus. As restantes eram pequenas unidades que produziam telha, louça de barro, tijolo, etc., que empregavam muito pouca mão de obra, frequentemente com carácter apenas sazonal. Outras vezes os operários eram eles próprios sócios do proprietário<sup>12</sup>. Porém, mesmo, neste pequeno núcleo as condições de sucesso eram escassas. A fábrica de sabão resistiu até finais da década de 1870, não conseguindo competir com o sabão importado, de melhor qualidade. As pequenas unidades de chapéus também nunca alcançaram um peso significativo, funcionando sempre como pequenas oficinas de carácter quase artesanal. A

---

<sup>10</sup> Para além deste negócio era proprietário de uma importante botica em Angra, na Praça da Restauração.

<sup>11</sup> João Marcelino de Mesquita Pimentel era descendente de uma rica e fidalga família da ilha das Flores estabelecida na cidade de Angra. Ele aparece envolvido em várias tentativas de criar estabelecimentos fabris, não sendo na maior parte das vezes bem sucedido, apesar da sua perseverança. Pelo seu casamento com com Maria Guilhermina de Bettencourt de Sousa Rocha encontrava-se ligado às primeiras famílias da burguesia angrense. *Nobiliário da Ilha Terceira*, vol II, pp. 151 e 324. É o pai do conhecido jornalista e comentador da vida lisboeta de final do século, Alfredo de Mesquita.

<sup>12</sup> Félix José da Costa (1867), *Angra do Heroísmo, Ilha Terceira (Açores). Os seus títulos, edifícios, estabelecimentos públicos*. Angra: Tip. do Governo Civil, pp. 75-76. *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1870, pelo Governador civil Félix Borges de Medeiros*, Angra: Tip. Do Governo Civil, 1870, mapa nº 41.

fábrica de álcool do boticário Guilherme António de Lima Monteiro “pouco tempo depois, foi a causa da sua ruína”<sup>13</sup> e já não funcionava em 1870.

Nesta último ano, Teotónio de Bettencourt Pita empregava 6 operários numa fábrica de pregadura e moagem que utilizava um motor a água. Pouco sabemos sobre os desenvolvimentos desta unidade. Mas pensamos que a pregadura, que se destinava em boa parte às caixas e malotes de laranja, não terá resistido à quebra desta exportação a partir de 1880, tendo-se provavelmente fundido ou sido substituída, por uma outra unidade do mesmo ramo, a *Preserverança*, fundada em 1875, apenas para a produção de pregos, e ampliada em 1878 com uma oficina de fundição que produzia camas, fogões e grades<sup>14</sup>.

Na década de 1870 as pequenas unidades mais resistentes e parece que mais lucrativas eram, sem dúvida, as fábricas de destilação de aguardente. A sua existência vinha já de trás. Na década anterior sabemos que a produção de aguardente no concelho de Angra era já importante, dada a destruição que o *oidium* havia provocado nas suas vinhas posteriormente às grandes pragas de 1852-1853. Anos houve nas décadas de 1860 e 1870 em que colheita de vinho foi tão fraca que quase não se registava qualquer produção em alguns concelhos do distrito<sup>15</sup>. Contudo, era preciso dar de beber ao povo e alimentar as tabernas.

---

<sup>13</sup> Alfredo da Silva Sampaio (1906), *Memória sobre a Ilha Terceira*, Angra do Heroísmo: Imprensa Municipal, pp. 370-371.

<sup>14</sup> De acordo com o *Inquérito Industrial de 1881* a esta data era seu gerente José Maria Correia d’Ávila, sendo, no entanto, propriedade da firma Azevedo Soares & Cia. Esta unidade laborará por longos anos produzindo pregos, e obras de ferro fundido como fogões, camas e grades. Apesar de estar sujeita a pagar um preço elevado pela matéria-prima importada da Inglaterra e da Bélgica e do mercado regional ser escasso, esta fábrica estava protegida dos produtos estrangeiros que pagavam elevados direitos alfandegários. A crescente utilização do ferro na construção e na esfera doméstica, também deve ter ajudado ao seu relativo sucesso. *Inquérito Industrial de 1881*, Lisboa: Imprensa Nacional, II Parte, vol III, pp. 286-287 e 309.

<sup>15</sup> *Almanaque Insulano para Açores e Madeira., Estatístico, Histórico, Literário para o ano de 1874*, por A. Gil, Augusto Ribeiro, F. J. Moniz de Bettencourt, 1º ano, Angra: Tipografia da Terceira, 1873. p. 69. Por exemplo, em 1862, 1865 e 1869 as autoridades distritais nem referem qualquer produção de vinho em Angra, sendo esta também muito reduzida nos dois concelhos de São Jorge. Apenas na Graciosa ela permaneceu importante. Para a produção de vinho ver as séries em anexo em Paulo Silveira e Sousa (1998), *As Elites Periféricas: Poder, Trajectórias, e Reprodução Social dos Grupos Dominantes no Distrito de Angra do Heroísmo (1860-1910)*, Dissertação de Mestrado, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp. 377-378.

Em 1870 e em 1874, temos notícia de três fábricas de destilação de aguardente em laboração. Uma delas pertencia a Frederico Augusto de Vasconcelos, outra a João de Freitas, fundada em Janeiro de 1869 com um capital de 4000\$000, a última era propriedade de Manuel Moniz Barreto do Couto<sup>16</sup>. Os dois primeiros eram importantes negociantes, ligados ao crédito, à usura, à navegação e aos negócios de importação e exportação; o terceiro era um morgado de destacada linhagem, mas de média fortuna, cujos rendimentos se concentravam maioritariamente na terra. Destas três unidades apenas a de Frederico Augusto de Vasconcelos se prolongará no tempo e estará ligada à grande indústria do álcool de finais da década de 1880. A fábrica de Manuel Moniz Barreto do Couto deixará de laborar em 1891 e a de João de Freitas passará para seu filho Joaquim José de Sousa Freitas, deixando de produzir em 1894, quando os impostos atacaram em força o sector, forçando à sua concentração. No início da década de 1890 elas eram, de qualquer forma, insignificantes se comparadas com as grandes unidades, num negócio em que os lucros se faziam, cada vez mais, comprando grande quantidade de matéria-prima a baixo preço e na altura certa<sup>17</sup>.

O Inquérito de 1881 apresenta enormes deficiências na quantificação da actividade industrial. As suas omissões, a quase todos os níveis e para todos os distritos do País, são impressionantes. No caso do Distrito de Angra do Heroísmo podemos mesmo afirmar que a comissão não saiu da ilha Terceira e dos limites desta cidade<sup>18</sup>. A comissão distrital do *Inquérito Industrial* visitou e recenseou apenas seis fábricas, três delas de álcool, o que mais uma vez evidencia a centralidade que este ramo já possuía. As fábricas eram a primitiva de Frederico Augusto de Vasconcelos, na Rua D. Afonso VI, a de João de Freitas, junto ao Porto das Pipas, e a de Henrique de Castro, em Vale de Linhares. Fundada recentemente ela utilizava a mais moderna tecnologia, tendo vindo poucos anos mais tarde

---

<sup>16</sup> Sobre os negócios e os investimentos de Frederico Augusto de Vasconcelos e João de Freitas veja-se Cf. Paulo Silveira e Sousa (1998), *As Elites Periféricas...*, especialmente o cap. 3, pp. 122-209. Os dados para a Fábrica de João de Freitas retirados do *Inquérito Industrial de 1881*, II parte, vol. III, p. 302.

<sup>17</sup> Veja-se adiante os quadros 9 e 10.

<sup>18</sup> Vejam-se as críticas em *Resumo do Inquérito Industrial de 1881*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1883, pp. XXVII-XXXVII.



a fundir-se com a unidade de Frederico A. de Vasconcelos, dando assim origem à primeira grande unidade de álcool no distrito. Para além destas, eram referidas uma pequena unidade de produção de luvas para o mercado regional que, à data da sua fundação, em 1864, constava apenas de uma oficina e do seu proprietário artesão, a qual em 1881, empregava já seis mulheres e um homem; uma fábrica de papel, A *Insulana*, instalada em 1879 e da qual era sócio maioritário em 1885, José Augusto da Silva Sampaio<sup>19</sup>, que laborava com quatro homens e cinco mulheres, podendo em alturas de maior movimento recorrer à contratação de mais pessoal; e uma fábrica de pregos e fundição de ferro, a já referida *Preserverança*<sup>20</sup>.

As fábricas recenseadas eram de muito pequena dimensão e ficavam localizadas nas casas dos proprietários, em dependências, quintais ou barracões próximos. Os equipamentos mecânicos eram raros e a tecnologia maioritariamente a mais barata e tradicional. As diferenças face a São Miguel continuavam fortes. João Cesário de Lacerda escrevia que em 1885 existiam na ilha de São Miguel duas fábricas de tecido de algodão que fabricavam, sobretudo, xailes, empregando 50 operários quase todos do sexo feminino. Mas, as principais e mais prometedoras unidades eram as de tabaco e de álcool<sup>21</sup>. Se quisermos olhar melhor a desproporção entre São Miguel e a Terceira podemos tomar como exemplo o já citado *Inquérito de 1881*. Segundo ele existiam no distrito de Angra 6 fábricas, enquanto que no de Ponta Delgada o número se elevava para 21. No primeiro distrito elas empregavam 46 operários, enquanto que no segundo o número atingia os 409<sup>22</sup>.

---

<sup>19</sup> Funcionário da alfândega, pertencia a uma influente e bem relacionada família de médicos e profissionais, das mais importantes da classe média de Angra. No entanto, não era um homem de grande fortuna. Eduardo de Campos de Azevedo Soares (1908-1909), *Nobiliário da Ilha Terceira*, vol. III, Porto: Fernando Machado Editores.

<sup>20</sup> *Inquérito Industrial de 1881*, vol. III, Lisboa, Imp. Nacional, pp. 301-310.

<sup>21</sup> João Cesário de Lacerda (1886), *As Ilhas Adjacentes*, Lisboa: David Corazzi Editor, pp. 33-34.

<sup>22</sup> *Inquérito Industrial de 1881*. Vol. III, pp. 281-325.

Quadro 1 - Resumo do Inquérito Industrial de 1881  
(distritos de Angra do Heroísmo e Ponta Delgada)

	<b>Distrito de Angra</b>	<b>Ponta Delgada</b>
Nº de questionários apurados nas diversas indústrias	6	21
Capital Industrial declarado	-	188.400\$
Motores Hidráulicos	3	1
a vapor	1	5
diversos	1	3
Força dos motores (cavalos)	13	15
Máquinas diversas	10	10
Aparelhos	23	7
nº de operários	46	409

Fonte: *Inquérito Industrial de 1881*, III parte, vol. I, p. 281.

Este fraco panorama levava a que os Governadores Cívicos escrevessem recorrentemente nos seus Relatórios que a indústria fabril no distrito era muito fraca e não concorria, senão secundariamente, para a economia local. Em 1877, o barão do Ramalho foi mais longe, referindo que o peso da indústria fabril nas exportações era insignificante, e que os capitais em vez de se deslocarem para as empresas industriais procuravam na usura o seu lugar privilegiado<sup>23</sup>. Neste sentido seria, por exemplo, interessante traçar os momentos iniciais e as formas de financiamento destas pequenas unidades, tentar perceber como funcionava o recurso ao crédito, se acaso o havia, ou se como veremos adiante, o dinheiro investido na indústria

---

<sup>23</sup> *Relatório Apresentado à Junta Geral do distrito de Angra na sua Sessão Ordinária de 1870 pelo Governador Civil Félix Borges de Medeiros*, Angra: Tip do Governo Civil, 1870, *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1877, pelo Governador Civil Barão do Ramalho*, Angra: Tip. Do Governo Civil, 1877, pp. 37-38.

tinha a sua origem no comércio, tal como os empresários industriais tinham quase todos um pé nos negócios, na navegação e no crédito. Como noutros contextos regionais do País, pensamos que também nos Açores e no distrito de Angra, os capitais alcançavam melhores remunerações e taxas de retorno mais rápidas quando investidos na banca, na usura, em títulos da dívida pública<sup>24</sup>, ou mesmo nos negócios da exportação de produtos agrícolas e na importação de produtos manufacturados. Mas se todas as informações nos apontam neste sentido, as contas exactas continuam por fazer.

Em 1881, apenas o gerente da Fábrica de Papel Insulana, que era um investidor de pequena dimensão, se queixava em relação aos altos juros do crédito que absorviam por inteiro os lucros de quem a eles quisesse recorrer. Em relação às tarifas dos fretes da navegação ele fazia coro com o gerente da fábrica de pregos e fundição. Segundo eles, os juros elevados apenas permitiam aos grandes capitalistas e proprietários ter acesso ao capital necessário para fundar empresas industriais. Por sua vez os fretes marítimos encareciam consideravelmente uma produção que mesmo assim se via limitada ao mercado regional<sup>25</sup>. De facto, estas duas unidades eram pequenas, produziam esmagadoramente para o mercado açoriano, sofriam alguma concorrência de produtos do exterior e não tinham por trás de si sólidas fortunas do comércio por grosso e dos negócios, que faziam de qualquer garantia bancária uma facilidade.

A completar esta caracterização ainda encontrávamos um amplo sector artesanal que se concentrava, sobretudo, na pequena produção doméstica de tecidos de lã e de linho. No entanto, é certo que no último quartel do século XIX, em qualquer uma das três ilhas, os cidadãos mais ricos e urbanos já tinham deixado os velhos fatos de burel e as camisas de linho, e usavam fazendas importadas do continente e do estrangeiro. Da mesma forma, as principais damas da Terceira, da Graciosa ou de São Jorge jamais se esqueciam de acompanhar os figurinos da moda que lhes eram

---

<sup>24</sup> Veja-se, por exemplo, José Manuel Lopes Cordeiro (1996), “Empresas e empresários portuenses na segunda metade do século XIX”, *Análise Social*, nº 136-137, pp. 316-321.

<sup>25</sup> A fábrica de papel, instalada no lugar da Pateira em Angra, produzia esmagadoramente papel de embrulho, tendo no entanto realizado ensaios para a produção de papel de escrever, *Inquérito Industrial de 1881*, II parte, vol. III, p. 292 e pp. 301-310.

enviados de Angra ou directamente do exterior do arquipélago. Mas a velha cisão entre os abastados e a classe média de um lado e os camponeses e os assalariados do outro mantinha-se forte. Se os tecidos de algodão nacionais e estrangeiros, que afluíam aos principais centros urbanos e destes irradiavam para as áreas rurais, competiam agora com a pequena produção local e alimentavam um razoável comércio nas vilas e pequenas cidades, no distrito de Angra, a produção artesanal permaneceu forte até bem tarde, estreitamente articulado com a pequena e média exploração camponesa, contando com matérias-primas baratas, baixos custos e com um consumo local quase garantido. No entanto, aqui convém diferenciar a trajectória da produção de lã da que teve a produção de linho, cujo declínio foi mais rápido, face a um processo produtivo muito mais custoso, demorado e intensivo, como poderemos ver adiante nos respectivos gráficos.

Quadro 2 - Estado da Indústria Artesanal de Lã e de Linho no Distrito de Angra segundo o Inquérito Industrial de 1881

Ilhas	Nº de teares movidos a braços	Metros em tecidos de lã fabricados em um ano	Valor em tecidos de lã	Metros em tecidos de linho fabricados em um ano	Valor em tecidos de linho
Terceira	850	10.100	8.000\$000	30.200	9.000\$000
São Jorge	712	7 800	7.800\$000	6.000	1.800\$000
Graciosa	160	600	300\$000	2.000	600\$000
<b>Total</b>	<b>1.722</b>	<b>18.500</b>	<b>16.100\$000</b>	<b>38.200</b>	<b>11.400\$000</b>

Fonte: *Inquérito Industrial de 1881*, vol III, p. 310, “Nota do estado actual da indústria caseira, mais considerável no distrito de Angra do Heroísmo, segundo os dados fornecidos pelos regedores de paróquia”.

De acordo com o Inquérito Industrial de 1881, onde existem dados detalhados para o distrito de Angra, a ilha de São Jorge teria 712 teares movidos a braços, pouco menos que os 850 registados na Terceira (como sabemos uma ilha bastante maior e populosa) e consideravelmente mais que os 160 existentes na Graciosa. A estreita ligação desta actividade às explorações camponesas e aos seus ciclos produtivos, onde se colocava em articulada complementaridade, assim como o importante efectivo de gado ovino criavam as condições necessárias para a sua permanên-

cia e para uma produção a baixos custos, sem que sequer de longe se pudesse falar de uma vaga situação proto-industrial. Faltava-lhe uma maior especialização, uma crescente independência da estrutura e dos ciclos agrícolas, assim como grupos populacionais especificamente dedicados, e por períodos mais longos, à sua produção. Do mesmo modo, os seus circuitos de comercialização e de difusão eram muito limitados, sem nunca conseguir ultrapassar as fronteiras das ilhas mais próximas e os segmentos de mercado marcadamente rurais.

O Inquérito Industrial de 1890 revela que existiam ainda, no concelho de Angra, um número elevado de unidades de fiação e tecelagem de lã, num total de 186, ocupando, na maior parte dos casos sazonalmente, 182 operários e 5 aprendizes. Destes 186 estabelecimentos, apenas 47 laboravam todo o ano. Dos restantes 139, 29 trabalhavam 6 ou mais meses por ano, 59 exerciam actividade somente por três ou mais meses, 43 laboravam entre um e dois meses, e os 8 que sobravam tinham um prazo incerto<sup>26</sup>. No concelho da Praia da Vitória somente são apontados 3 estabelecimentos de fiação e tecelagem de lã, trabalhando todos eles 12 meses, empregando 3 operários. No concelho de Santa Cruz da Graciosa não surge nenhuma indústria artesanal de vestuário recenseada. Infelizmente, o Inquérito de 1890 não adianta dados para São Jorge. No entanto parecidos que se na Graciosa e na Terceira se notam mais cedo quebras na produção artesanal de lã, em São Jorge, ela deve ter resistido durante mais tempo. O relatório da Junta Geral de 1933, ainda nos fala de uma pequena indústria artesanal e caseira de vestuário e colchas com alguma importância, principalmente nesta ilha, concentrada exclusivamente nos tecidos de lã<sup>27</sup>.

Como defendemos noutro trabalho a emigração e os fluxos monetários que desenvolveu no último quartel do século acabaram por aprofundar e tornar mais independentes as explorações camponesas, trazendo aos espaços rurais do distrito novos produtos, novas possibilidades de

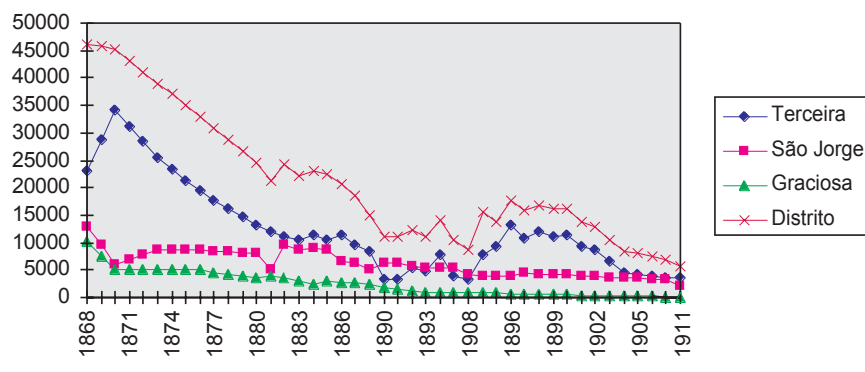
---

<sup>26</sup> *Inquérito Industrial de 1890*. Vol. V. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 297-386.

<sup>27</sup> *Relatório da Visita do Presidente da Comissão Administrativa da Junta Geral Autónoma de Angra do Heroísmo às Ilhas de São Jorge e Graciosa* (1933), p. 25. Veja-se também especificamente para São Jorge Paulo Silveira e Sousa (1994), *Território, Poder, Propriedade e Elites Locais: a Ilha de São Jorge na Segunda Metade do Século XIX*, Tese de Licenciatura apresentada no ISCTE, Lisboa: policopiado, pp. 199-202.

consumo e de monetarização das economias locais<sup>28</sup>. Ela permitiu articular alguma modernização com uma continuidade do modelo camponês da sociedade açoriana, criando igualmente os recursos para uma progressiva viragem em direcção à pecuária e à produção leiteira. O facto de alguma população rural ter agora camisas de algodão, vestidos estampados e outros luxos, não fez, por isso, com que se abandonasse o tear, o fuso e a roca que ocupavam as mãos das mulheres nas longas e escuras tardes e noites do Inverno insular. Por outro lado, o efectivo de ovinos do distrito só começou a registar fortes quebras no início do século XX. Por exemplo, o seu total que em 1866 era de 23.630 cabeças, em 1900 atingia ainda as 20.147 cabeças, tendo descido para 13.455, em 1911. Esta evolução sugere que esta actividade artesanal se bem que em plano inclinado, foi capaz de resistir um pouco, tendo acompanhado a crescente especialização pecuária das explorações camponesas do arquipélago<sup>29</sup>. Contudo, o exemplo mais eloquente da trajectória da pequena indústria artesanal de lã e de linho são os dois gráficos que se seguem com a evolução da produção distrital<sup>30</sup>.

Gráfico 1 - Produção de Linho no Distrito de Angra em Kg, 1868-1911

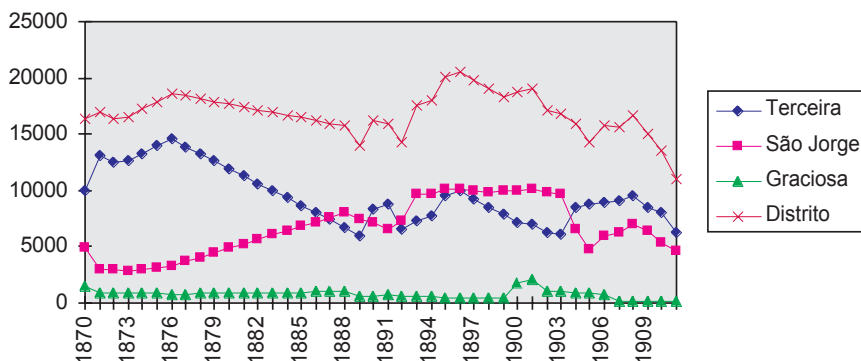


<sup>28</sup> Paulo Silveira e Sousa (1995), "Emigração e reprodução social no contexto açoriano: o caso da ilha de São Jorge na segunda metade do século XIX" *Islenha*, nº17, pp. 31-49.

<sup>29</sup> Informações retiradas das séries da produção agrícola e do efectivo pecuário do distrito de Angra do Heroísmo, desagregadas por concelhos, que estamos neste momento a terminar.

<sup>30</sup> Os gráficos têm a mesma origem que os dados da nota anterior.

Gráfico 2 - Produção de Lã no Distrito de Angra 1870-1911



Ambos os gráficos demonstram quebras assinaláveis nestas duas produções, sendo contudo bem mais evidentes no caso do linho e para o espaço geográfico da Terceira. Quer uma produção quer outra manifestaram em São Jorge quebras mais lentas ou mesmo um comportamento a contra-corrente, como o sucedido com a lã, pelo menos até ao início do século. Com uma menor população, possuindo espaços urbanos reduzidos, mais afastada dos mercados e da distribuição de novas mercadorias, a penetração dos algodões e das novas fazendas a preços mais concorrenciais só poderia chegar mais lentamente.

No lote destas pequenas actividades artesanais ainda encontrávamos em São Jorge alguma produção de curtumes, da qual se fez razoável exportação até à primeira metade do XIX. Contudo, na segunda metade do século o comércio e a crescente concorrência com produtos de melhor qualidade fizeram desaparecer quase por completo esta actividade. É provável que os custos de transformação se tivessem também tornado demasiado altos, levando à sua simples exportação em bruto. Mas se a transformação se extinguiu em compensação, na viragem do século, eram ainda exportados muitos couros dos gados abatidos para consumo e dos bezeros mortos à nascença, para em resultado disso se empregar o leite das vacas exclusivamente no fabrico de queijo e manteiga<sup>31</sup>. Eram os sinais de uma nova actividade em pleno crescimento.

<sup>31</sup> José Cândido da Silveira Avelar (1902), *A Ilha de S. Jorge (Açores), Apontamentos para a sua História*, Horta: Tip. Minerva Insulana, p. 153.

A maior permanência de algumas destas actividades periféricas em São Jorge, poderá também apontar para a fraca integração que a economia local manifestava face aos centros regionais e face mesmo a muitas áreas do continente português, permanecendo forte a autarcia camponesa, numa ilha onde as ligações com o exterior eram difíceis, as estradas quase intransitáveis e os portos de difícil acostagem. Mais próxima da ilha Terceira, mais dependente dos seus mercados, com menor extensão e menos recursos naturais para desenvolver actividades que precisavam de água e de pastagens em abundância, a Graciosa manterá uma parcela muito menor destes ramos.

Contudo, nas ilhas mais pequenas a pequena actividades industrial não se limitava a este tipo artesanal de recorte camponês e muito ligado ao auto-consumo. Algumas fabriquetas e oficinas estavam a trabalhar para o consumo interno e, no caso de algumas actividades, igualmente, para o externo. Os melhores exemplos destas últimas, podem ser os lacticínios jorgenses e as fábricas de telha da Graciosa que abasteciam as ilhas em redor. Quer num caso, quer noutro, elas aproveitavam-se das boas condições naturais existentes, fossem elas bons solos argilosos, escassos noutros pontos do arquipélago, ou a presença de um forte sector pecuário de configuração artesanal, profundamente tradicional e pouco desenvolvido.

Em São Jorge, em 1870, laborava já com carácter intermitente uma fábrica de melaço de aguardente que tentava aproveitar os anos de más colheitas de vinho para se constituir na principal fornecedora de aguardente da ilha. Em 1875 a fábrica prosperava face às dificuldades do sector vinícola, destilando, em média, anualmente, 15.000 litros, todos eles consumidos na ilha<sup>32</sup>. No final do século, para além das nascentes fábricas modernas de lacticínios, duma malograda moagem, das armações de baleeiros e dos pequenos estaleiros dos portos da Calheta e das Velas, existiriam poucas unidades industriais. Até 1894 continuamos a encontrar alguns alambiques e pequenas fábricas de destilação

---

<sup>32</sup> *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1870, pelo Governador civil Félix Borges de Medeiros, mapa nº 41 e Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1875, pelo Secretário Geral servindo de Governador Civil Guladino Alfredo Lobo de Gouveia Valadares, Angra: Tip. do Governo Civil: 1875, p. 58.*



de melaço para aguardente<sup>33</sup>, encerradas definitivamente nesse ano devido ao aumento da tributação e à concorrência das grandes unidades da Terceira e de São Miguel<sup>34</sup>. Dentro das pequenas fabriquetas e oficinas ainda havia, na Urzelina, uma olaria, onde foi fabricada a canalização para abastecer de água potável uma importante quantidade dos chafarizes existentes<sup>35</sup>, e podiam-se contar seis fornos de cal em toda a ilha: um nas Velas, outro na Queimada, dois na Urzelina, um na Calheta e outro no Topo<sup>36</sup>. Os dados para o concelho da Calheta são mais reduzidos. No *Inquérito de 1890*, o Administrador do Concelho afirmava em ofício que não existiam aqui quaisquer indústrias. Porém, a Comissão Distrital acrescentava que havia de facto alguma actividade industrial no concelho, mas que por “serem em ponto muito limitado, e provavelmente, por se negarem os pequenos industriais locais a fornecer os devidos esclarecimentos”, o Administrador não realizou o dito inquérito<sup>37</sup>. Tal como acontecia com os recenseamentos agrícolas e pecuários, os industriais locais pensavam sempre em novas taxas e impostos quando as autoridades manifestavam algum interesse em quantificar a produção.

---

<sup>33</sup> Propriedade uma de Amaro Soares de Albergaria, importante negociante e exportador de gado. Era filho de uma velha família da nobreza jorgense, a quem a herança fundiária já pouco robusta atirou para outras actividades económicas. A outra fábrica pertencia a Samuel José da Rosa, recebedor da comarca e filho de José de Sousa da Rosa, outro dos principais negociantes da ilha, também dono de bastantes hectares de pastagem. Veja-se Paulo Silveira e Sousa (1994), *Território, Poder, Propriedade e Elites Locais: a Ilha de São Jorge na Segunda Metade do Século XIX*.

<sup>34</sup> Em 1890 sabemos que a maior e mais antiga destas pequenas unidades empregou na produção de álcool, 18.000 litros de melaço proveniente da Demerara, no valor de 2.460\$000 reis, tendo-se produzido 12.500 litros de aguardente no valor de 2750\$000 reis, exportados para o mercado de consumo nacional, restando pois uma estreita margem de lucro, cf. *Inquérito Industrial de 1890...* e dados para a produção nacional de álcool de 1890-1891 a 1898-1899 em *Congresso Vinícola Nacional de 1900*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1ª secção p. 6.

<sup>35</sup> Propriedade do já citado Amaro Soares de Albergaria.

<sup>36</sup> José Cândido da Silveira Avellar (1902), *Ilha de São Jorge (Açores), Apontamentos para a sua História*, pp. 156-157.

<sup>37</sup> Esta situação repetiu-se em ilhas como o Pico e as Flores. Mesmo no concelho das Velas a comissão concelhia encarregue do inquérito não deu informações completas acerca dos seus resultados, *Inquérito Industrial de 1890*, vol. V, p. 330.

O *Inquérito Industrial de 1890* referia que não existiam na ilha quaisquer máquinas a vapor a laborar, acrescentando que a única moagem trabalhava com a energia do vento. No entanto, sabemos que em 1862, uma sociedade composta por grandes e médios proprietários, liderada pelos abastados irmãos José Pereira da Cunha da Silveira e Sousa e João Pereira da Cunha Pacheco, montou uma máquina de moagem a vapor na vila das Velas. Durou pouco tal iniciativa, três escassos anos, dado que a capacidade da máquina ultrapassava as necessidades locais de moagem, além de que os custos com o combustível eram demasiado dispendiosos para se conseguir obter algum lucro. Com uma produção de trigo e de milho destinada ou exportação ou integrada inteiramente na auto-subsistência familiar, com fraca colocação nos circuitos de mercado e sofrendo a concorrência dos pequenos moinhos de água ou eólicos, era impossível pôr em funcionamento uma moagem industrial, por maior que fosse a boa vontade dos investidores locais. Em 1871 o grupo de sócios a quem pertencia a máquina tenta, sem grande êxito, vendê-la, sendo depois deixada ao abandono e à ferrugem num armazém das Velas<sup>38</sup>.

Na Graciosa a descrição aproxima-se muito da de São Jorge, só que em vez de exportações de lã e de lacticínios tínhamos exportações de telha e de outras cerâmicas. Na década de 1840, a indústria reduzia-se a meia dúzia de estabelecimentos de carácter artesanal: uns poucos fornos de telha, uns tantos teares onde se teciam panos de linho e de lã, algumas tendas de ferreiros e de serralheiros, e os tradicionais ofícios de alfaiate, sapateiro, carpinteiro e pedreiro, cujo trabalho era considerado suficiente para as necessidades da ilha<sup>39</sup>. Em 1875 continuavam a existir os pequenos teares de fiação de lã e de linho, uma padaria fundada havia pouco tempo, uma fábrica de sabão que escassos anos durará, e 15 fornos de telhas que eram exportadas para as restantes ilhas, aproveitando os solos argilosos de algumas zonas da Graciosa<sup>40</sup>. O Inquérito de

---

<sup>38</sup> A máquina construída na Fundação Portuguesa de Colares tinha 6 cavalos de potência, segundo o anúncio publicado para sua venda n' *O Jorgense* n° 13 de 15 de Agosto de 1871. Os irmãos Cunha da Silveira, um bacharel em Filosofia e o outro em Direito, pertenciam ao escasso grupo dos mais abastados proprietários do distrito. Veja-se a análise das suas fortunas em Paulo Silveira e Sousa (1994), *Território, Poder, Propriedade e Elites Locais: a Ilha de São Jorge na Segunda Metade do Século XIX*, pp. 227-230.

<sup>39</sup> Félix José da Costa (1845), *Memória Estatística e Histórica da Ilha Graciosa*. Angra do Heroísmo: Imprensa de Joaquim José Soares, p. 115.

<sup>40</sup> *Almanaque Insulano para Açores e Madeira, 1875...*, p. 87.

1890 vem de novo confirmar que esta realidade se manteve sem grandes alterações, continuando as cerâmicas e o fabrico de telha para o mercado regional a fazer a pequena fortuna dos investidores da ilha. No concelho de Santa Cruz ficaram recenseados 14 pequenos estabelecimentos de cerâmica, com um capital fixo total de 2.860\$000 e um capital circulante de 730\$000, sem dúvida, escassas quantias<sup>41</sup>.

Todas estas fabriquetas e pequenas oficinas laboravam com menos de meia dúzia de operários, muitas vezes em regime sazonal, com um fraco grau ou mesmo nenhuma mecanização, assumindo pouca relevância no sistema produtivo local, tendo fracas possibilidades para competir com os produtos importados e com a pequena produção artesanal e de subsistência que os camponeses continuavam a laborar.

Não temos em São Jorge nem na Graciosa nenhuma das indústrias que a reconversão produtiva originou em São Miguel, no último quartel do século. Nem o tabaco, nem a destilação de álcool aparecem aqui; não temos recursos, nem mercados, nem estruturas portuárias, nem grandes negociantes, nem as enormes fortunas dos proprietários e morgados enriquecidos com a exportação da laranja e que dominavam ainda enormes extensões de terra na maior ilha do arquipélago. Os pequenos territórios insulares eram montanhas rodeadas pelo mar e habitadas por camponeses. As elites jorgenses, por muito ricas que fossem localmente, investiam na mesma escala em que se configurava o sistema produtivo local e em que este demonstrava ter capacidade para reembolsar o investimento - e esta escala era pequena, assim como curto o leque de actividades. Em São Jorge, a grande maioria das pequenas unidades industriais instaladas fora da área dos lacticínios não conseguiram medrar e laborar continuamente por muitos anos, em virtude do excesso de impostos<sup>42</sup>, da exiguidade do mercado jorgense, onde a auto-suficiência ainda era a regra para a maioria, dos custos elevados e da dificuldade em colocar o produto nos mercados exteriores.

A pequena produção industrial para o mercado local ou para exportação, dificilmente teria hipóteses de conseguir tornar-se capaz de concorrer com os preços dos produtos importados, de absorver o sector de produção artesanal e de conduzir a uma alteração da estrutura produtiva local. Se existiam possibilidades de modernização, elas residiam na melhor articulação com o sector agrícola, no melhoramento das pastagens e no investimento nos

---

<sup>41</sup> *Inquérito Industrial de 1890*, Vol. V, pp. 297-386.

<sup>42</sup> José Cândido da Silveira Avelar (1902), *A Ilha de S. Jorge (Açores)*, p. 156.

lacticínios, e aí a ilha demonstrava inequívocas vantagens comparativas sobre os outros territórios açorianos. O mesmo sucedia na Graciosa com a produção de telha que abastecia deste produto o grupo central.

Quadro 3 - Fábricas e Oficinas Existentes no Distrito de Angra em 1887

Fábricas e Oficinas	Angra	Praia	Velas	Calheta	Santa Cruz	Distrito
De Pão	7	-	-	-	-	7
Queijo	1	-	-	-	-	1
Destilação de batata doce e cereais	1	-	-	-	-	1
Alambiques de Destilação de Melaço	3	-	2	-	-	5
Louça Branca	1	-	-	-	-	1
Louça de Barro de Sta Maria	6	-	-	-	-	6
Fundição	1	-	-	-	-	1
Papel	1	-	-	-	-	1
Cal	4	1	1	-	2	8
Telha	6	5	3	-	3	17
Sapateiros	80	18	4	-	24	126
Carpinteiros	90	60	3	-	35	188
Alfaiates	15	6	2	-	3	26
Latoeiros	12	4	1	-	1	18
Ferreiros	25	7	3	-	8	43
Ferradores	4	2	2	-	2	10
Ourives	3	-	2	-	-	5
Relojoeiros	4	-	-	-	-	4
Chapeleiros	2	-	-	-	-	2
Barbeiros	50	17	3	-	3	73
Correiros	5	-	-	-	-	5
Pirotecnia	4	-	1	-	-	5
Sabão	1	-	-	-	1	2
Tabacos	2	-	-	-	-	2
Tipografia	8	-	-	-	-	8
Litografia	1	-	-	-	-	1
Tanoeiros	6	4	2	-	3	15
Galocheiros	24	13	4	-	-	41
Instrumentos de Corda	2	-	-	-	-	2
Peneireiros	5	3	2	-	-	10
<b>Total</b>	<b>374</b>	<b>140</b>	<b>35</b>	<b>-</b>	<b>85</b>	<b>634</b>

Fonte: BPAAH, *Livros de Registo da Correspondência entre a Comissão Distrital de Estatística e o Ministério das Obras Públicas*, vol de 1888-1889, fl 45.

O quadro com as fábricas e oficinas do distrito de Angra do Heroísmo no ano de 1887 reforça bem esta imagem dá a real medida das oficinas e dos pequenos artesãos. Podemos afirmar claramente que eles dominavam em todo o distrito. Este quadro pedido pelas autoridades centrais do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, antes do *Inquérito de 1890*, foi preenchido pela Comissão Distrital de Estatística, com base nas informações dos Administradores de Concelho. Infelizmente, o responsável administrativo da Calheta respondeu que pura e simplesmente não haviam quaisquer indústrias no seu concelho, o que não correspondia à verdade. A Calheta era não só uma zona importante na produção artesanal de panos de lã, como existiam alguns alambiques e diversos ofícios nesta vila, havendo também produção caseira de queijo e manteiga nas povoações viradas a norte. Os números do concelho das Velas parecem-nos igualmente subavaliados. Eles esquecem a importante produção artesanal de lacticínios, da qual já se fazia uma larga exportação para a Terceira e para as outras ilhas do arquipélago e mesmo para o Continente. Mas este quadro serve-nos, principalmente, para ter uma ideia da importância e da configuração ainda muito tradicional do sector nestes anos, em que nem sequer a indústria dos lacticínios parecia ter arrancado em moldes modernos, existindo apenas a fábrica de Angra, instalada no Reguinho, propriedade do grande lavrador, negociante e exportador, José Luís de Sequeira, que a mantinha gerida por um técnico inglês. Os ofícios abundavam, principalmente na cidade de Angra e em menor escala na Praia da Vitória. O resto, tirando a fábrica de álcool, a fábrica de lacticínios e as nascentes fábricas de tabaco, era pouca coisa. Contudo, a década de 1880, sobretudo devido a estes três ramos deve ser entendida como os anos do pequeno arranque industrial do distrito de Angra.

Em 1864 foi autorizada por lei a manipulação do tabaco plantado nos Açores, pagando-se, como forma de indemnizar o Estado, um adicional sobre a contribuição predial. Esta indústria desenvolver-se-á nos anos subsequentes, sendo a primeira fábrica, a *Michaelense*, fundada em São Miguel em 1866, por uma sociedade composta por José Bensaúde, José Jácome Correia, Clemente Joaquim da Costa e Abraão Bensaúde<sup>43</sup>. Na década de 1870, a fábrica de São Miguel já abastecia os mercados insulares e exportava para as colónias.

---

<sup>43</sup> Veja-se João Marcelino de Mesquita Pimentel (1865), *Guia do Cultivador de Tabaco nos Açores*, Angra: Tip. de M. J. P. Leal, p. 3; Fátima Sequeira Dias (1995), *A Fábrica de Tabacos Micaelense, 1866-1895*, Ponta Delgada: Jornal de Cultura.

Na Terceira a evolução foi bem mais lenta. Desde 1865 a 1868 alguns proprietários e lavradores tentaram em maior ou menor escala este cultivo, estabelecendo-se ao mesmo tempo duas fábricas sob a direcção de um mestre estrangeiro. O empreendedor João Marcelino de Mesquita Pimentel embarcou, então, em mais uma aventura empresarial, criando a *Necotiana Angrense*, primeiro, individualmente, depois associando-se a George Phillips Dart, um dos grandes negociantes locais. Porém, a qualidade e o preço dos produtos mostraram-se muito fracos, sendo incapazes de concorrer com a produção micaelense. Perante a dificuldade em vender, a fábrica suspendeu a laboração e os candidatos a industriais desanimaram. Em 1875 uma parte considerável do tabaco consumido na Terceira, sobretudo o de mais baixo preço e pior qualidade, era importado de São Miguel. E a área ocupada por esta cultura no distrito de Angra, mostrava-se insignificante, restrita a pequenas porções de terreno, muitas vezes cultivadas para autoconsumo. Em 1877, os donos da antiga *Necotiana Angrense* ainda possuíam grande porção de tabaco manipulado e em folha que não podiam liquidar<sup>44</sup>.

A fábrica de Tabacos Angrense foi fundada na década de 1880, em ano que ainda não conseguimos estabelecer, pelos irmãos Manuel Severino Soares de Avelar e Silvério Severino Soares de Avelar<sup>45</sup>, tendo laborado

---

<sup>44</sup> Nesse mesmo ano de 1877, o Governador Civil pedia ao governo que se baixasse o adicional à contribuição predial criado pela lei de 1864, dado que o distrito de Angra pouco ou nada aproveitava desta cultura, *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1877, pelo Governador Civil Barão do Ramalho*, Angra: Tip. Do Governo Civil, 1877, pp. 127-129. Anos mais tarde, em 1882, o imposto que recaía totalmente sobre os proprietários passou a tocar também aos fabricantes, até que em 1885, ele passou integralmente para a alçada destes últimos. Veja-se Jacinto Cândido da Silva (1889), *A Questão dos Tabacos nos Açores, discurso proferido na Câmara dos Senhores Deputados na sessão de 6 de Maio de 1889*, Lisboa: Imprensa Nacional.

<sup>45</sup> Típicos investidores de uma classe média abastada e ilustrada estes irmãos não eram contudo especialmente ricos. No entanto pela análise de dois inventários orfanológicos percebemos que tinham uma vida desafogada e cómoda, com relações próximas com a melhor burguesia de Angra. Por exemplo, Silvério Soares de Avelar fará parte do conselho de família de Frederico Augusto de Vasconcelos aquando da morte de sua esposa. Os irmãos Avelar eram descendentes de uma filha legitimada de Gabriel de Sousa Pereira, um dos grandes capitalistas de Angra nas décadas de 1850 e 1860. Paulo Silveira e Sousa (1998), *As Elites Periféricas...*, pp. 140-142. Ver BPAAH, Inventários Orfanológicos, Manuel Severino Soares de Avelar/ João de Deus Severino, Maço 944, 1891; e Margarida Augusta de Bettencourt Vasconcelos/ Frederico Augusto de Vasconcelos Maço 790, ano de 1880.

pelo menos até à década de 1890. A outra fábrica, a *Flor de Angra*, foi fundada em 1887 por João Baptista da Costa e José Cardoso Ávila<sup>46</sup>

O Inquérito Industrial de 1890 atribuir-lhe-á 18 operários, sendo a fábrica de tabacos mais pequena do arquipélago. Numa data mais tardia que não conseguimos precisar, a *Flor de Angra* passou para as mãos de José Joaquim de Oliveira Braz, homem que de origem modesta chegou a um lugar de destaque na mais recente burguesia, e que no início do século será o único industrial deste ramo. Se desde 1864 a 1909 haviam sido concedidas através dos anos seis licenças para instalar unidades de transformação de tabaco na Terceira, o facto é que quase todas elas tinham abortado<sup>47</sup>. Na verdade, estas são empresas que apesar de lucrativas nunca conseguiram ultrapassar as fronteiras regionais. Perante a concorrência de fábricas de maior envergadura em São Miguel, o seu mercado ficava ainda mais reduzido às ilhas do grupo central e ocidental, por vezes mesmo dependente da protecção de impostos locais lançados pelas câmaras.

Quadro 4 - Máquinas a Vapor Existentes no Distrito de Angra do Heroísmo em 1887

Nº de Estabelecimentos	-	2
Nº de Máquinas	-	3
Força total em cavalos	-	70
Onde foram construídas	Em Portugal	-
	No Estrangeiro	3
Cerâmica	Número	-
	Força em Cavalos	-
Lanifícios	Número	-
	Força em Cavalos	-
Moagem	Número	-
	Força em Cavalos	-
Destilação de batata doce e cereais	Número	1
	Força em Cavalos	40
Fabrico de papel	Número	2
	Força em Cavalos	30

Fonte: BPAAH, Livros de Registo da Correspondência entre a Comissão Distrital de Estatística e o Ministério das Obras Públicas, vol de 1888-1889, fl 39.

<sup>46</sup> Infelizmente, nada sabemos quanto a estes homens, nem ao seu percurso empresarial. Para a Fábrica Flor de Angra, veja-se Pedro de Merelim (1974), *As 18 Paróquias...*, p. 860, e “A União” de 22, 23 e 24 de Junho de 1954.

<sup>47</sup> Aníbal Gomes Ferreira Cabido (1909), “O Tabaco nos Açores”, *Boletim do Trabalho Industrial* nº 35, p. 6.

Em 1887, a indústria do distrito continuava pouco desenvolvida, utilizando a tecnologia mais tradicional. Na correspondência entre a Comissão Distrital de Estatística e o Ministério das Obras Públicas encontramos um mapa que faz a distribuição das máquinas a vapor no distrito. Por ele vemos como no conjunto dos 5 concelhos apenas existiam máquinas a vapor em Angra. Estas, em número de 3, estavam aglomeradas em duas unidades, num total de 70 cavalos de potência.

Poucos anos mais tarde, segundo os dados do *Inquérito Industrial* de 1890, a situação não se havia alterado muito. As pequenas actividades de dimensão artesanal permaneciam as mais importantes, embora encontrássemos agora um número mais elevado e diversificado de actividades recenseadas. Novamente, as autoridades do concelho da Calheta não apresentaram quaisquer dados.

Neste novo quadro, por exemplo, as moagens artesanais demonstram agora um peso definitivamente importante, sendo mais destacado na área da Praia da Vitória, onde a especialização era mais profunda. Num distrito onde os cereais constituíam uma produção tão importante poderíamos pensar que a indústria moageira se poderia transformar num sector de relevo. Mas as moagens eram todas de pequena dimensão, utilizavam as energias tradicionais e as mais modernas tiveram, com frequência, um final pouco feliz.

O arquipélago exportava o trigo e o milho em grão e a farinha importada que consumia era por vezes mais barata que os produtos nacionais e locais. Aqui não existiam os grandes mercados urbanos que no continente, em conjugação com o protecçãoismo e o peso político deste sector, fizeram da moagem um dos potentados da indústria nacional na viragem do século e nas primeiras décadas do século XX. Mesmo as moagens modernas que se foram instalando a partir da década de 1890 nas capitais de distrito do sul do continente tiveram aqui uma penetração mais tardia. Era necessária a proximidade de mercados mais amplos, mais urbanos e um menor peso da auto-subsistência camponesa para conseguir implantar as farinhas maquinadas<sup>48</sup>. Para além disso, a produção cerealífera do distrito de Angra se

---

<sup>48</sup> Para o contexto continental veja-se Paulo Silveira e Sousa (1996), “Estatística e Produção Agrícola em Portugal, 1846-1915”, *Working Paper* apresentado no Seminário *Economic History of Portuguese Growth 1850-1958*, realizado no dia 31 de Outubro de 1996 na Quinta da Fonte Santa, Banco de Portugal, policopiado, p. 40; Hélder Fonseca (1996), *O Alentejo no Século XIX: Economia e Atitudes Económicas*, pp. 42-52.



bem que importante sofria grandes oscilações periódicas, o que obrigaria os potenciais industriais a ter que recorrer ciclicamente a matéria-prima importada, num contexto de forte protecção e preços altos. No *Inquérito* de 1890 este sector é todo ele classificado como pequeno indústria, empregando aparelhos tradicionais que utilizavam a força do vento ou das águas<sup>49</sup>. A primeira grande moagem só foi estabelecida pela firma de Basílio Mendes Simões em 1928, em Angra, sendo herdeira directa do empório do negociante e capitalista local, António Pedro Simões. No entanto em 1913 encontramos já uma moagem a vapor, propriedade de João Baptista do Canto e João Maria de Bettencourt que, contudo, parece não ter tido grande sucesso<sup>50</sup>.

---

<sup>49</sup> *Inquérito Industrial de 1890*, vol V, p. 320.

<sup>50</sup> Sobre António Pedro Simões ver Paulo Silveira e Sousa (1998), *As Elites Periféricas...*, pp. 131 e 151. Os dados sobre a moagem existente em 1913 foram retirados de *Almanaque Açores para 1913*, Angra: Tip. Sousa e Andrade, 1912, p. 45.

Quadro 5 - Fábricas e Oficinas Existentes nos Concelhos do Distrito de Angra do Heroísmo em 1890 (excepto Calheta)

<b>Fábricas e Oficinas</b>	<b>Angra</b>	<b>Praia</b>	<b>Velas</b>	<b>Santa Cruz</b>	<b>Distrito</b>
Alcool e aguardente	6	5	2	-	13
Alfaiataria	16	1	2	3	22
Fornos de Cal	4	1	-	2	7
Calçado, formas para calçado e tamancaria	89	18	15	19	141
Carpintaria e Carruagens	106	37	34	28	115
Cerâmica	18	5	1	14	38
Cestaria	1	-	-	1	2
Chapelaria	2	-	-	-	2
Correio	5	-	-	-	5
Confeitaria e conservas alimentícias	93	-	-	-	93
Construções Navais	1	-	-	-	1
Cortumes	5	-	-	-	5
Encadernação	1	-	-	-	1
Ferrador	1	-	-	-	1
Fogueteiro	1	-	1	1	3
Fósforos	2	-	-	-	2
Fotografia	1	-	-	-	1
Funileiro	1	-	1	1	3
Instrumentos musicais	1	-	-	-	1
Lã	186	3	-	-	189
Latoaria	2	3	-	-	5
Luvas	1	-	-	-	1
Marcenaria	32	-	1	2	35
Moagem	59	82	1	7	149
Ourivesaria e relojoaria	4	-	1	-	5
Padaria	15	-	-	2	17
Papel	1	-	-	-	1
Pintura	2	-	-	1	3
Pregaria	1	-	-	-	1
Saboaria	1	-	-	-	1
Sebo (velas)	1	-	-	-	1
Serração de madeiras	4	-	4	-	8
Serralharia	32	7	8	8	55
Tabaco	2	-	-	-	2
Tanoaria	16	2	1	6	25
Tipografia	6	-	-	-	6
<b>Total</b>	<b>723</b>	<b>164</b>	<b>72</b>	<b>95</b>	<b>948</b>

Fonte: *Inquérito Industrial de 1890*, vol V, pp. 300-303.

Neste quadro a grande novidade registada era o desenvolvimento de uma grande unidade de álcool industrial, uma das mais modernas e melhor apetrechadas do País. Do mesmo modo, a produção de tabacos encontrava-se agora mais estabilizada.

Tal como em 1887, em 1890, dentro das três ilhas do distrito de Angra, somente no concelho sede trabalhavam 3 máquinas a vapor num total de 38 cavalos. 16 deles estavam nas máquinas da Fábrica Angrense de Destilação e 22 na Fábrica Insulana de Papel. A primeira delas era, também, o único estabelecimento do distrito que pela matéria prima empregue, de cuja venda os lavradores auferiam razoáveis lucros, pelo capital investido (40.000\$000) e pelo número de operários se podia “reputar de ser um estabelecimento industrial de subida importância”<sup>51</sup>.

Quadro 6 - Valores das Principais Exportações da Terceira 1882-1884

Anos	1882	1883	1884
Gado	53.500\$	53.629\$	49.359\$
Álcool	24.520\$	22.999\$	83.686\$
Cereais	2.000\$	69.624\$	116.970\$

Fonte: *A Terceira*, nº 1352 de 21/3/1885.

A indústria só terá um certo protagonismo na economia do distrito de Angra com o sector do álcool e, mesmo esse, durará, pouco mais ou menos, 20 anos. Em 1871-1872, 1872-1873 e em 1874 o álcool nem surgia como categoria entre os principais produtos exportados<sup>52</sup>. A produção era ainda, esmagadoramente, para consumo local. Contudo, em 1882, um ano depois da abertura da unidade de Henrique de Castro, o álcool surgia já entre as três principais exportações, juntamente com o gado bovino e os cereais.

<sup>51</sup> *Inquérito Industrial de 1890*, vol V, pp. 320 e 330.

<sup>52</sup> Dados para 1871-1872 e 1872-1873 em *Relatório Apresentado à Junta Geral Do Distrito de Angra do Heroísmo na Sessão Ordinária, 1873*, Angra do Heroísmo: Tip. do Governo Civil, 1873, pp. 110 e 167; dados para 1874 em *Relatório Apresentado à Junta Geral Do Distrito de Angra do Heroísmo na Sessão Ordinária de 1875 pelo Secretário Geral servindo de Governador Civil Gualdino Alfredo Lobo de Gouveia Valadares*, Angra do Heroísmo: Tip. do Governo Civil, 1875, p. 159.

Em 1893, Júlio Máximo Pereira, em viagem pelos Açores, escrevia que a principal indústria dos Açores era a destilação da batata doce e do milho para o fabrico de álcool industrial. Ela estava confinada às ilhas São Miguel e Terceira. Na primeira delas existiam duas fábricas: a de Santa Clara e a da Lagoa, na segunda ilha apenas existia a fábrica de Vale de Linhares. Em 1893 estava em construção uma nova fábrica na vila da Ribeira Grande, em projecto uma outra em Vila Franca do Campo e recentemente aberta uma no concelho da Praia da Vitória, nas Lages. À excepção de São Miguel e da Terceira as outras ilhas do arquipélago só conheciam a indústria caseira, para suprir as necessidades locais<sup>53</sup>.

Em 1890 o álcool representava 75% das exportações de São Miguel, tendo a sua produção aumentado ainda mais nos anos subsequentes<sup>54</sup>. Na Terceira, entre 1895 e 1903, o peso nas exportações da indústria de destilação era muito importante, mas não tão elevado. Até 1903, data de encerramento das fábricas, o seu valor é de longe o mais destacado entre as várias categorias de produtos. Em anos como 1896, 1897 e 1899, ele chega a ultrapassar sozinho o agregado dos produtos agrícolas (de onde se destacam os cereais), da pecuária e lacticínios. No entanto, o álcool nunca chegou a representar mais de 45% das exportações do distrito. A nascente indústria dos lacticínios e a progressiva, embora oscilante exportação de gados, ajudavam a diversificar este conjunto.

Quadro 7 - Valor da Exportação do Distrito de Angra do Heroísmo, Segundo a Natureza das Mercadorias (em contos) 1895-1903

	1895	1896	1897	1898	1899	1900	1901	1902	1903
Álcool e Aguardente	216.074	322.735	360.764	218.045	368.455	294.870	280.772	235.677	30.068
Produtos agrícolas	164.766	119.853	167.211	213.337	109.267	143.656	152.116	173.488	183.399
Animais	146.243	78.134	75.422	58.996	73.684	121.280	92.959	90.103	158.923
Lacticínios	76.199	71.759	74.218	77.959	109.120	163.100	156.672	115.599	153.625
Diversas	144.541	102.529	110.776	142.108	110.836	196.485	151.260	132.709	84.820
Pesca	9.490	27.525	15.409	66.104	20.618	19.601	11.145	11.752	28.985
Vinho	25.538	26.313	23.991	29.293	25.150	57.209	37.840	22.002	2.900
<b>TOTAL</b>	<b>782.850</b>	<b>748.848</b>	<b>827.791</b>	<b>805.842</b>	<b>817.130</b>	<b>996.201</b>	<b>882.764</b>	<b>781.330</b>	<b>642.720</b>

Fonte: *Relatório da Comissão Distrital Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo, na Sessão Ordinária de Maio de 1905*, Angra: Imprensa Municipal, 1905, p. 39.

<sup>53</sup> Júlio Máximo Pereira (1893), “Recordações dos Açores”, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 12ª série, Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 331-372.

<sup>54</sup> Maria Isabel João (1991), *Os Açores no século XIX...*, pp. 89-90.

Mesmo se olharmos apenas para as exportações da ilha Terceira entre 1899 e 1902 vemos como o álcool estava acompanhado por outras produções. No ano de maior destaque, em 1899, ele quase atinge 60% do total das exportações. Durante este período, bastante abaixo da indústria de álcool, ainda tinha um honroso segundo lugar a exportação de cereais (trigo e algum milho) que, apesar de todas as crises, pareciam sobreviver e recuperar de todas as más conjunturas e dificuldades de mercado. Nas outras exportações industriais, somente tinham algum relevo os lacticínios que manifestavam uma continua progressão e muito abaixo destes, os sabões e o tabaco manipulado, com valores bem mais modestos, face aos principais produtos do sector agrícola, pecuário e leiteiro.

Quadro 8 - Exportações da Ilha Terceira 1899-1902

	1899	1900	1901	1902
Gado Vacum	38.920\$	76.300\$	48.966\$	49.500\$
Outros animais e couros verdes	17.518\$	12.137\$	12.840\$	16.382\$
Lacticínios	28.390\$	47.172\$	40.672\$	51.855\$
Milho	15.800\$	11.165\$	50.671\$	28.290\$
Trigo	55.922\$	92.710\$	62.225\$	77.372\$
Favas, tremço e outros produtos agrícolas	10.835\$	19.601\$	9.655\$	25.596\$
Álcool e Aguardente	368.220\$	294.664\$	280.647\$	235.537\$
Sabão	8.120\$	15.563\$	14.120\$	12.050\$
Tabaco	1.918\$	7.580\$	7.950\$	6.400\$
Outras indústrias	7.375\$	8.416\$	7.187\$	15.821\$
Vinho e Vinagre	1.700\$	1.144\$	1.940\$	5.002\$
Pesca	12.018\$	17.138\$	8.895\$	8.557\$
Comércio	60.407\$	111.248\$	90.815\$	60.700\$
<b>Total</b>	<b>627.143\$</b>	<b>714.838\$</b>	<b>636.583\$</b>	<b>593.082\$</b>

Fonte: Alfredo da Silva Sampaio (1906), *Memória Sobre a Ilha Terceira*, pp. 376-377.

Alfredo Sampaio, no início do século XX, dá-nos um bom panorama da indústria terceirense, aproveitando para tecer, mais uma vez, a costumada crítica à falta de protecção dos governos e das administrações distritais à indústria local. Ele refere como as principais unidades industriais da ilha as duas fábricas de destilação de álcool de batata doce; as

duas fábricas de tabaco *Angréense* e *Flor de Angra*, a laborar desde a década de 1880, manipulando cigarros de diversas qualidades, charutos, tabaco picado e rapé, sendo relativamente importante a sua exportação; uma fábrica de sabão denominada *Saboaria União Fabril Terceirense*, que tinha igualmente uma boa penetração no mercado regional; uma unidade de fundição, pregos e serralharia, cujos produtos conseguiam concorrer com os do exterior (provavelmente a sobrevivente *Preserverança*); uma fábrica de serragem de madeira a vapor; e a fábrica de lacticínios no lugar do Reguinho, nas antigas casas do Conde da Praia da Vitória, de José Luís de Sequeira. O restante das unidades industriais eram pequenas e muito pequenas fabriquetas e oficinas, tal como havíamos já descrito para os anos de 1887 e 1890, que na maior parte dos casos tinham uma produção sazonal, ocupando a tempo parcial e apenas por alguns meses uns poucos operários. Assim, tínhamos ainda nove alambiques a trabalhar com borras de vinho e sumos de fruta (nêspersas, pêssegos, etc.), concentrando-se cinco deles na freguesia de São Pedro nas imediações de Angra; alguns fornos de cal - quatro em Angra e quatro na Praia -; três fábricas de faianças ordinárias e canos de barro, e umas fábricas de produtos cerâmicos, todas na cidade de Angra; quatro estabelecimentos de curtumes, três fábricas de tamancos, três fábricas de fogo de artifício, e uma chapelaria sobrevivente, novamente, todas sediadas em Angra<sup>55</sup>. As actividades industriais estavam mais diversificadas e o álcool ainda reinava sobre os outros ramos.

Porém, a produção de álcool industrial não foi uma indústria fácil de manter. Passadas cerca de duas décadas ela foi a vítima lateral da crise que afectou a viticultura portuguesa no final do século.

Se esta indústria, na Terceira, foi iniciada como forma de satisfazer o mercado interno, rapidamente começou a orientar-se para o exterior. Ela terá sido uma das formas de contornar a quebra dos preços dos cereais, aproveitando-se as crescentes necessidades do poderoso sector vinícola continental, cujas exportações para França de vinhos a granel com um elevado grau de alcoolização, durante um certo período pareciam não querer parar de aumentar<sup>56</sup>.

---

<sup>55</sup> Alfredo da Silva Sampaio (1906), *Memória sobre a Ilha Terceira*, pp. 369-372.

<sup>56</sup> Na maior parte dos casos este vinho de baixa qualidade ia lotar a produção gaulesa profundamente afectada pelo filoxera.

A produção de álcool tinha boas condições para se tornar a base da economia de um arquipélago, debilitado desde a crise da laranja. De facto, ela trouxe consigo a esperança de uma nova prosperidade. A batata doce era obtida a baixo custo, tinha uma produtividade razoável, amplos terrenos onde podia ser plantada e adequava-se, também, quer à pequena e média exploração camponesa, quer a explorações mais intensivas, capitalistas e de maior dimensão. Os custos do álcool açoriano acabavam, por isso, por ser inferiores à produção de álcool do Continente.

Na segunda metade da década de 1880 a indústria de lacticínios ainda é colocada como a primeira indústria agrícola do distrito, ficando o álcool de batata doce em segundo lugar, sendo os seus efeitos apenas importantes no concelho de Angra<sup>57</sup>. Mas, estávamos a falar a um nível geral e a usar como bitola as pequenas unidades artesanais. A importância e o peso do Álcool iriam aumentar nos anos seguintes, sendo o produto enviado para Lisboa e para o Porto, onde era utilizado na aguardentação de vinhos.

Sabemos que a esta indústria estavam ligadas muitas das principais famílias da Terceira que ali colocaram boa parte das suas fortunas, retirando nos anos de prosperidade lucros importantes. Embora não tenhamos uma lista completa dos seus accionistas, nomes como os de Henrique de Castro e de Frederico Augusto de Vasconcelos, que pertenciam ao escasso grupo dos maiores capitalistas e negociantes da ilha, estiveram na origem da sua criação. O primeiro destes era, em 1881, gerente da Fábrica Angrense de Destilação que segundo o Inquérito Industrial de 1881 podia “competir em qualidade com o melhor se produz no país e no estrangeiro”. Fundada em 8-12-1880 esta moderna unidade de destilação tinha uma dimensão grande, mesmo quando comparada a nível nacional. O seu capital atingia a importante soma de 40.000\$000, empregando oito homens e quatro menores que laboravam por 12 horas diárias na transformação de milho e apenas secundariamente tubérculos. A matéria prima era quase toda local visto ter melhores condições de preço<sup>58</sup>. A produção média anual era de 300.000

---

<sup>57</sup> João Nogueira de Freitas (1890), *Relatório da Décima Segunda Região Agronómica, onde foi exercido o tirocínio de João Nogueira de Freitas*. Lisboa: Dissertação apresentada ao conselho escolar do Instituto Geral de Agronomia (o manuscrito encontra-se na Biblioteca do Instituto Superior de Agronomia), p. 140.

<sup>58</sup> *Inquérito Industrial de 1881*, pp. 138-139.

litros de álcool a 98 graus no valor de 75.000\$000 nos quais eram empregues em média 12.000 hectolitros de milho no valor de 28.000\$000. No entanto, Henrique de Castro pedia já uma elevação dos direitos alfandegários sobre o álcool de origem americana e alemã e com cujos preços a produção nacional dificilmente conseguiria sobreviver<sup>59</sup>.

Mais tarde estes dois homens fundirão as suas empresas na nova Empresa Angrense de Destilação. Em 1891 esta unidade laborava 9 meses por ano, empregando em turnos, que ocupavam as 24 horas diárias, 152 operários. Era a maior fábrica do distrito, tendo um capital fixo de 150.000\$000 e um capital circulante de 250.000\$000<sup>60</sup>.

A economia açoriana estava cada vez mais dependente dos mercados continentais para conseguir escoar os seus principais produtos. O álcool exportado para rectificar os vinhos nacionais era protegido por uma pauta alfandegária que impunha fortes taxas aos produtos importados, fazendo com que estes ficassem mais caros que a produção das ilhas. O barato álcool alemão era mesmo considerado tão mau que poderia constituir um perigo para a saúde, intoxicando em vez de melhorar os vinhos nacionais. No entanto, os protestos do enorme e poderoso *lobby* vinhateiro, os crescentes excedentes neste sector, fizeram com que a discussão em torno da qualidade do álcool utilizado na rectificação do vinho se tivesse acentuado durante a década de 1890. E, à medida que se discutia cada vez mais a necessidade de transformar os excedentes em aguardentes, o álcool industrial açoriano ia também perdendo força.

Se durante a década de 1880 os impostos não atingiam níveis muito elevados, com a lei de 1893, vinda na sequência da crise financeira de 1890, a situação alterar-se-á profundamente. O novo imposto de 70 réis por litro acabará por estrangular as fábricas continentais, deixando cada vez mais às suas congéneres açorianas o abastecimento do mercado. No entanto, mesmo estas vêm-se a braços com uma quebra nos lucros e não deixaram de protestar, levando atrás de si as principais facções políticas locais e os nascentes movimentos autonomistas<sup>61</sup>.

---

<sup>59</sup> O álcool americano e alemão eram produzidos em muito maior escala, a matéria prima tinha um menor custo e utilizavam mecanismos e combustíveis que baixavam ainda mais os custos de produção, Inquérito Industrial, II parte, III vol., p. 288.

<sup>60</sup> *Inquérito Industrial de 1891*. Vol. V. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 297-386.

<sup>61</sup> Para maiores detalhes sobre a indústria do álcool e a política no arquipélago cf. Maria Isabel João (1991), *Os Açores no Século XIX...*, pp. 90-95.



Mas a situação nos Açores não era assim tão negativa. No caso do distrito de Angra será mesmo em 1893 que se fundará uma outra fábrica de álcool.

Porém, a situação de prosperidade não iria durar muito. A reconstrução das vinhas francesas, a crescente concorrência externa, a posição desfavorecida de Portugal no seio no mundo complicado dos tratados comerciais que organizavam o comércio externo europeu, foram acantonando a produção vinícola nacional a um mercado interno estreito, a um mercado colonial com um reduzido poder de absorção, e a uma parcela do mercado brasileiro<sup>62</sup>. O consumo de álcool decaiu, igualmente. Ao mesmo tempo, a viticultura nacional, confrontada com um excesso de vinhos de baixa qualidade que apenas poderiam ter como destino o caldeiro, começou a exigir uma maior tributação para a produção de álcool industrial.

Desde finais do século XIX que as grandes associações de agricultores como a RACAP faziam uma enorme pressão no sentido de defenderem a produção vinícola nacional. Num contexto de sobreprodução, no qual a colocação dos produtos portugueses nos mercados externos se via a braços com uma crescente concorrência, sem nunca se ter libertado de uma especialização no sector dos vinhos a granel, seria normal que a chamada questão do álcool se impusesse com uma grande força.

Nas actas do Congresso Vinícola de 1900 é-nos apresentado um quadro com a produção de álcool das diferentes fábricas do país. Nele se destaca muito bem o peso do Arquipélago e, dentro deste, da ilha de São Miguel. Reportando-nos apenas ao arquipélago podemos observar como o número de fábricas vai sempre diminuindo, concentrando-se a sua produção nas unidades de grande dimensão. De 1890-1891 a 1898-1899 a razia é geral e apanha sobretudo as fabriquetas e os pequenos alambiques, promovendo uma crescente concentração deste ramo.

---

<sup>62</sup> Para a situação de Portugal no contextos dos mercados europeus veja-se Pedro Lains (1995), *A Economia Portuguesa no Século XIX*, Lisboa: Imprensa Nacional.

Quadro 9 - Álcool Produzido nas Fábricas do Distrito de Angra do Heroísmo  
(1890-1891 a 1898-1899), em Hectolitros

Concelhos	Fábricas	1881	1890-91	1891-92	1892-93	1893-94	1894-95	1895-96	1896-97	1897-98	1898-99
Angra	António Ávila Gomes	-	2,76	-	-	-	-	-	-	-	-
Angra	António Martins Pamplona	-	1,01	-	-	-	-	-	-	-	-
Angra	António Pedro Simões	-	84,08	116,3	23,8	-	-	-	-	-	-
Angra	Frederico Augusto Vasconcelos	Não consta	53,34	40,37	22,64	-	-	-	-	-	-
Angra	João Belo de Morais	-	3,7	0,17	-	-	-	-	-	-	-
Angra	Joaquim José de Sousa Freitas	40	29,6	54,43	36,56	4,55	-	-	-	-	-
Angra	Manuel Inácio Lourenço	-	-	-	3,18	-	-	-	-	-	-
Angra	Manuel Moniz Barreto do Couto	-	9,06	-	-	-	-	-	-	-	-
Angra	Empresa Angrense de Destilação	3000	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Angra	Nova Empresa Angrense	-	5,477,7	7,762,1	7,916	4,157,3	6,592,8	6,861,3	5,755	7,300	7,854,5
Praia	Ramo Grande	-	-	-	-	426,1	2,346,6	5,351,1	4,968,1	2,621,6	8,969,1
Velas	José Machado Rodrigues	-	48,76	48,65	11,72	-	-	-	-	-	-
Velas	Manuel Vitorino Soares	-	36,2	57,9	14,4-	-	-	-	-	-	-
<b>Totais</b>	<b>12</b>		<b>5.746,21</b>	<b>8.079,92</b>	<b>8.028,3</b>	<b>4.587,95</b>	<b>8.939,4</b>	<b>12.212,4</b>	<b>10.723,1</b>	<b>9.921,6</b>	<b>16.823,6</b>

Fonte: 1881 dados do *Inquérito Industrial de 1881*, II parte, vol III, pp. 301-310; 1890-1899 dados do *Congresso Vinícola Nacional de 1900*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1ª secção p. 6.

Quadro 10 - Álcool Produzido nas restantes fábricas dos Açores  
(1890-1891 a 1898-1899), em Hectolitros

Concelhos Fábricas	1890-91	1891-92	1892-93	1893-94	1894-95	1895-96	1896-97	1897-98	1898-99
P. Delgada Aliança	176,67	228,82	-	10,2	-	-	-	-	-
P. Delgada Bensaúde & Cia	167	139,75	47,46	-	-	-	-	-	-
P. Delgada Leal	17,18	18,37	-	-	-	-	-	-	-
P. Delgada Machado & Cia	119,71	136,35	16,24	-	-	-	8,9	-	-
P. Delgada Não é referido o nome	-	-	-	-	-	-	-	5,16	-
P. Delgada Não é referido o nome	-	-	-	-	340,4	3047,7	3297,6	7287,2	5049,6
P. Delgada Santa Clara	23.072,2	28.539,4	35.439,6	21.661,6	30.171,6	20.121,9	30.740,8	31.653,5	27.594,7
Lagoa	26.391,1	28.539,4	35.439,6	21.661,6	30.171,6	20.121,9	30.740,8	31.653,5	27.594,7
<b>Totais 8</b>	<b>49.948,6</b>	<b>57.602,1</b>	<b>70.942,9</b>	<b>43.333,4</b>	<b>60.683,6</b>	<b>43.291,5</b>	<b>64.788,1</b>	<b>70.599,4</b>	<b>60.239</b>

Fonte: *Congresso Vinícola Nacional de 1900*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1ª secção p. 6.

Se os interesses da viticultura continental pretendiam ter sob o seu controle um sector que poderia absorver boa parte dos seus enormes excedentes, eles colidiam contra as pretensões da indústria açoriana do álcool, cujas fábricas formavam as principais unidades deste sector no conjunto do país. Em 1901 o governo era confrontado com uma grave crise de sobreprodução, segundo alguns comentadores provocada pela intensa plantação de novas vinhas em terras de várzea de abundantíssimo rendimento, que atingiram o seu auge em 1896 e 1897. Tentou-se então controlar a produção de álcool industrial, lançando sobre ela novos impostos, ao mesmo tempo que se desonerou a destilação de vinhos<sup>63</sup>. Se a situação da viticultura nacional teve uma certa recuperação com a queima de uma boa fatia da produção, a indústria açoriana viu-se perante um rudíssimo golpe. 1901 e 1902 são maus anos para o álcool açoriano e as fábricas já quase não laboraram. Algumas ainda aguentaram mais um ou dois anos de produção. Mas, condenadas a transformar, apenas, cerca de um sexto da sua capacidade (ou seja 6.000.000 de litros, quando eram capazes de produzir bem mais de 36.500.000 litros), tendo o horizonte fechado pela fixação de preços, pelo aumento dos impostos e pela doença que assolava a batata doce, afastadas dos seus antigos mercados pela importação de álcool estrangeiro e pela concorrência da aguardente vínica, a decadência mostrava-se irreversível. Perante as restrições da nova legislação, as fábricas fecharam as portas, deixando no desemprego centenas de operários, fazendo com que o rendimento certo dos agricultores das principais Ilhas desaparecesse, e com que os grandes capitalistas açorianos se vissem a braços com uma quebra de receitas anuais da ordem das muitas centenas de contos<sup>64</sup>.

Face a este quadro foram os próprios açorianos a tentar reconverter mais uma vez a sua produção. Em 1903 os deputados do arquipélago propõem um projecto de lei visando a reconversão das fábricas micaelenses e terceirenses em fábricas de açúcar, laborando a partir da beterraba sacarina e do sorgo cultivado no arquipélago. O projecto de substituição de uma produção pela outra seria faseado, abrangendo apenas São Miguel e a Terceira, e as fábricas de destilação já existentes. A sua produção exportada para o continente pagaria durante um período de 15 anos um impos-

---

<sup>63</sup> *Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa*, vol. V, nº 6 de 1903, pp. 278-281; e Maria Isabel João (1991), *Os Açores no Século XIX...*, pp. 88-99.

<sup>64</sup> *Idem*, p. 281.

to 50% inferior ao que atingia os produtos estrangeiros<sup>65</sup>. Da junção das fábricas de álcool das duas ilhas nasceu a União das Fábricas Açorianas do Álcool. Ela procederá à reconversão da antiga Fábrica de Santa Clara para produção de açúcar de beterraba, importando para tal tecnologia alemã<sup>66</sup>. Mais uma vez São Miguel estava melhor posicionada para desenvolver o cultivo da beterraba e para fazer a reconversão dos espaços fabris, estando ainda dotada de melhores infraestruturas portuárias e de um mercado local mais amplo. Em 1910, no Relatório da Junta Geral, convergem várias queixas em relação a esta concentração de uma indústria que vinha substituir fábricas existentes nas duas ilhas do arquipélago, mas que acabou por se estabelecer somente numa delas e por se constituir enquanto monopólio. Contudo, as queixas nunca foram atendidas e a fábrica de açúcar chegou mesmo a prosperar nas décadas seguintes, sem que tenha surgido qualquer outra unidade noutra ponto do arquipélago<sup>67</sup>.

Jácome de Ornelas Bruges, em 1915, escrevia que as duas grandes fábricas que existiram em Vale de Linhares, nos arredores de Angra e nas Lages, no concelho da Praia, estavam já definitivamente encerradas<sup>68</sup>. Nestes anos da década de 1910, os efeitos da crise provocada pela fim da indústria do álcool ainda se faziam sentir de forma vigorosa na economia local, que foi incapaz de substituí-la a curto e médio prazo por outras actividades pelo menos tão vantajosas e com tão alto rendimento, muito embora os lacticínios não tenham parado de crescer. De acordo com Jácome de Ornelas Bruges, o valor da propriedade na Terceira baixou cerca de 25%, a emigração disparou e os muitos lavradores que haviam investido na compra de terras para aumentar a produção de batata doce viram-se confinados à muito menos remuneradora cultura dos cereais. A agricultura manifestou

---

<sup>65</sup> *Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa*, idem, pp. 284-285.

<sup>66</sup> Carlos Enes (1994), *A Economia Açoriana Entre as Duas Guerras*, Lisboa: Edições Salamandra, pp. 130-131

<sup>67</sup> *Relatório da Junta Geral do Distrito de Angra, Apresentado na Sessão Ordinária de Novembro de 1910, Relatórios dos Serviços Agronómicos, dos Serviços Pecuários, do Serviço de Obras Distritais e dos Serviços Termais do Carapacho, e Orçamento Ordinário para o ano de 1911*, Angra: Imprensa Municipal, 1910, p. 48, e Carlos Enes (1994), *A Economia Açoriana Entre as Duas Guerras*, pp. 130-131.

<sup>68</sup> Jácome de Ornelas Bruges (1915), *A Ilha Terceira. Notas sobre a sua Agricultura, Gados e Indústrias Anexas. Dissertação inaugural apresentada e defendida no Instituto Superior de Agronomia*, Angra: Tipografia Andrade, p. 44.

uma quebra assinalável e no distrito de Angra somente a produção pecuária e de lacticínios pareciam garantir um rendimento certo<sup>69</sup>.

O *Almanach Açores* para 1905 refere a existência das seguintes fábricas no concelho de Angra num total de 12: (fundição) Perseverança Terceirense; (loiças) Progresso Angrense; (manteiga) Alfredo de Mendonça & Cia, Francisco de Sousa Dias, José Pacheco Ormonde, Luís dos Reis Rebelo, Sequeira & Chassereau; (queijo) Alfredo de Mendonça & Cia, Sequeira & Chassereau, (tabacos) Flor Angrense; (sabão) Saboaria União Fabril Terceirense, de João Belo de Moraes; serraria a vapor de António Pedro Simões; alambiques de Frederico Augusto de Vasconcelos Júnior e Ernesto Francisco de Freitas. Nos restantes concelhos do distrito apenas são referidas duas fábricas na Calheta, uma de manteiga de Adolfo de Sousa Freitas e outra de telha<sup>70</sup>. Em 1912, o almanaque para 1913 apenas acrescentava a estas unidades algumas fábricas de bolachas, uma de refrigerantes, mais uns tantos alambiques, uma moagem a vapor de João Baptista do Canto e João Maria de Bettencourt, e a Empresa de Iluminação Eléctrica de Angra<sup>71</sup>.

Para além da pequena escala, até esta data as unidades industriais permaneceram pequenas e integradas no tecido urbano de Angra. Não se desenvolveram novos quarteirões industriais, que apenas viriam a surgir nos anos do Estado Novo. Apenas a grande fábrica de álcool de Frederico Augusto de Vasconcelos e Henrique de Castro tinha-se localizado em Vale de Linhares, acompanhada por algumas das fábricas de lacticínios que ficando também fora dos limites da cidade estavam mais próximas das matérias primas.

Na primeira década do século XX, o sector que parecia mais progressivo era o dos lacticínios. As fábricas terceirenses eram em número de cinco. Uma, a mais importante, no Reguinho, outras três em Angra e uma última na freguesia dos Altares. Qualquer uma delas possuía uma pequena rede de desnatadeiras que concentrava a matéria prima e a enviava para a casa mãe, procurando, desta forma, aproximar a pequena transformação industrial da produção agrícola, integrando-as numa espécie de fileira única. Será, na verdade, nesta actividade que a indústria do distrito terá um maior desenvolvi-

---

<sup>69</sup> Idem, pp. 45 e 62.

<sup>70</sup> Adolfo de Sousa Freitas era igualmente um pequeno empreiteiro que em conjunto com outros negociantes e proprietários locais adjudicava algumas das obras públicas na ilha de São Jorge. Cf. o *Boletim da Junta Geral de Angra do Heroísmo* para 1902.

<sup>71</sup> *Almanaque Açores* para 1906 e para 1913, Angra, p. 33 e p. 45.

mento. De uma fábrica em 1887, em 1902 já tínhamos cinco na Terceira, e mais duas em São Jorge. Em 1911 o seu número atinge as 20 unidades<sup>72</sup>.

Directamente relacionada com o sector agrícola a transformação industrial do leite desempenhou sempre um papel importante na economia do distrito. Contudo, durante décadas, e à excepção da arcádica ilha de São Jorge, o peso dos lacticínios foi secundário face à produção de cereais. A partir de finais da década de 1870 a exportação de gado para o continente começou a tomar incremento e a tornar-se relevante. Nesses mesmos anos, a laranja decaiu completamente e os cereais viram-se perante uma crescente concorrência nos mercados da capital, fazendo com que o trigo e o milho terceirense perdessem parte do seu valor. É, sensivelmente, entre 1875 e 1885 que se assiste ao início daquilo a que poderemos chamar uma viragem produtiva dos cereais para o gado e o leite. Escrevendo em 1887, o futuro governador civil franquista, José Pereira da Cunha da Silveira e Sousa Júnior, admitia que os lacticínios eram a única indústria capaz de atenuar a crise que as ilhas dos Açores ocidentais atravessavam desde há alguns anos, promovendo o seu maior desenvolvimento e a colocação dos seus produtos no mercado continental, que dada a escassez os importava do estrangeiro<sup>73</sup>. A indústria leiteira não só estava adaptada às condições naturais de algumas das ilhas do arquipélago, como possuía um mercado amplo e com possibilidades de crescimento. As culturas agrícolas que anos atrás haviam garantido rendimentos à economia destas ilhas estavam nestes anos totalmente postas de lado: “O *oidium*, que fez a sua entrada em 1853, destruiu parcialmente os vinhedos do Pico, Graciosa e São Jorge. A depreciação e doença da laranja - cultura de favor pois que dava lucros excepcionais - fechou há uns 8 ou 9 anos o mercado de Londres e obriga a arrancar os pomares na Terceira e São Jorge. A paralização no comércio dos cereais cerceia, presentemente, aos agricultores da Terceira e Graciosa - com especialidade - os seus interesses. A difícil e diminuta colocação de carnes vivas, ocasionada por causas idênticas às continentais, faz com que a saída de gado bovino em meia engorda cesse na Terceira, São Jorge, Pico e Faial”<sup>74</sup>.

---

<sup>72</sup> Idem, pp. 1-30.

<sup>73</sup> José Pereira da Cunha da Silveira e Sousa Júnior (1887), *Os Lacticínios na Região Açoriana Oriental*, Dissertação inaugural apresentada ao conselho escolar do Instituto de Agronomia e Veterinária, Lisboa: Tip. Matos Moreira, pp. 65-81.

<sup>74</sup> José P. da Cunha da Silveira e Sousa Júnior (1887), *op. cit.*, p. 66.

Esta nova proposta consistia no aproveitamento mais intensivo, e de acordo com critérios de exploração modernos, da superfície agrícola, de modo a utilizar os terrenos altos, os extensos baldios e mesmo aqueles até aqui votados ao trigo e à cevada, transformando o maior número possível em prados naturais e artificiais<sup>75</sup>. Este movimento deveria ser acompanhado pelo desenvolvimento das culturas forraginosas, pelo aumento do efectivo pecuário, pela implantação da indústria dos lacticínios onde ela fosse desconhecida e pela sua dinamização, crescimento e modernização onde ela já existisse rudimentarmente. Este modelo foi, na verdade, parcialmente seguido e os resultados fizeram-se notar no médio prazo. Um bom exemplo pode vir da superfície agrícola da ilha Terceira, onde de facto a área de pastagem aumentou consideravelmente.

Quadro 11 - Divisão da Superfície Agrícola da Ilha Terceira em 1915

Culturas	Áreas em Hectares
Cultura Cerealífera	13.500 ha
Pastagens vedadas	16.500 ha
Pastagens abertas de particulares e Baldios	15.000 ha
Matas	2.000 ha
Vinhedos	1.300 ha
Hortas (incluindo sup. Cultivada com tabaco)	1.600 ha
<b>Total</b>	<b>49.900 ha</b>

Fonte: Jácome de Ornelas Bruges (1915), *A Ilha Terceira*. p. 48.

A transformação industrial do leite era mais antiga e mais estruturante em São Jorge, tornando-se com o tempo, também importante na Terceira, sem que nunca tenha criado as raízes necessárias na seca ilha Graciosa. Em 1875, *O Jorgense*, no meio das críticas à má qualidade da manteiga e do queijo expor-

<sup>75</sup> Idêntico movimento de contracção das áreas de cereais estaria a suceder em vastas áreas do continente, principalmente no Ribatejo e Alentejo, veja-se a este propósito Miriam Halpern Pereira (1972), *Livre Câmbio e Desenvolvimento Económico*, Lisboa: Sá da Costa Editora, pp. 67-74. Tal demonstra, mais uma vez, que pelo menos certas franjas das elites açorianas; acompanhavam a marcha das actividades productivas; assim como parece indiciar uma forte inserção dos mercados de cereais açorianos nas dinâmicas nacionais.



tado, escrevia que esta indústria “tem uns 15 anos a esta parte tomado um incremento notável”, apesar de abandonada inteiramente a indivíduos pobres<sup>76</sup>. Na década de 1880, ela atingia um destaque considerável, apesar do seu feito artesanal, sendo encarada como o ramo mais importante da agricultura de São Jorge, quer sob o ponto de vista alimentício, quer visando a exportação. No entanto, tal ainda não sucedida nas outras ilhas como podemos ver pelos dados do quadro 12, apesar da já importante produção de manteiga na Terceira.

Quadro 12 - Estado da Indústria Artesanal de Lacticínios do Distrito de Angra do Heroísmo no ano de 1881

Ilhas	Produção de queijo de vaca em kg.	Valor do queijo	Produção de manteiga em kg.	Valor da manteiga	Litros de leite para o queijo	Litros de leite para a manteiga
Terceira	50	20\$000	35.000	14.000\$000	400	100.000
São Jorge	180.000	72.000\$000	20.000	8.000\$000	5.400.000	400.000
Graciosa	1.000	400\$000	100	400\$000	30.000	2.000
<b>Total</b>	<b>181.050</b>	<b>72.420\$000</b>	<b>55.100</b>	<b>22.400\$000</b>	<b>5.430.000</b>	<b>502.000</b>

Fonte: *Inquérito Industrial de 1881*, Vol III, p. 310, “Nota do estado actual da indústria caseira, mais considerável, no distrito de Angra do Heroísmo, segundo dados fornecidos pelos regedores de paróquia”.

Apenas em 1887, José Luís de Sequeira, o abastadíssimo lavrador, proprietário e exportador de gado, fundaria no sítio do Reguinho a primeira fábrica de lacticínios moderna do distrito. Na Terceira o leite produzido passa então a ser não só vendido para consumo pelas portas da cidade de Angra e transformado pelos camponeses, mas começa igualmente a ser colocado na fábrica. Esta unidade, da qual era director técnico um estrangeiro, Douglas Chassereau, recebia em média 1000 litros de leite por dia e estava a concorrer para o desenvolvimento da pecuária local, havendo alguns criadores que forneciam já quantidades relativamente importantes de leite<sup>77</sup>.

Mas se na Terceira, havia sido erigida uma moderna fábrica de lacticínios, em São Jorge, ilha conhecida desde sempre pelo seu queijo, onde há

<sup>76</sup> *O Jorgense* de 1/1875 e de 15/3/1871

<sup>77</sup> João Nogueira de Freitas (1890), *Relatório...*, p. 128.

mais de um século se manipulava industrialmente o leite, a produção continuava a mesma, com uma feição caseira e artesanal, apesar de se terem multiplicado o número de pequenos fabricantes, sem grandes reflexos ao nível das quantidades exportadas. Ainda assim, a indústria jorgense de lacticínios era, nestes anos, a primeira e mais importante deste conjunto de ilhas<sup>78</sup>.

Será no início da década de 1890, que José Pereira da Cunha da Silveira e Sousa Júnior e Alexandre Leite da Gama de Bettencourt<sup>79</sup> formam uma sociedade e montam uma fábrica de lacticínios moderna para produção de queijo e manteiga na povoação da Beira, entregando a sua direcção a um indivíduo inglês contratado para esse efeito<sup>80</sup>. Esta indústria teve bastante sucesso e rapidamente surgiram outros estabelecimentos.

No início do século seguinte, os dois pioneiros haviam desfeito a sociedade e enquanto José Pereira da Cunha da Silveira e Sousa Júnior mantinha a fábrica da Beira, Alexandre Leite da Gama Bettencourt havia fundado uma outra em Santo António. Existindo nestes mesmos anos, referências a outras fábricas de manteiga na Beira, em Santo Amaro e nas Manadas<sup>81</sup>.

Em 1911 a panorâmica da indústria de lacticínios açoriana ainda nos mostra a pequena escala das suas unidades, o seu carácter doméstico, a ocupação de pouca mão de obra, o reduzido consumo de matéria prima por unidade industrial e as deficiências na maquinaria e na tecnologia utilizada. As

<sup>78</sup> José Pereira da Cunha da Silveira e Sousa Júnior (1887), *Os Lacticínios na Região Açoriana Ocidental*, p. 77. O autor resume a situação afirmando que “o estado actual da indústria é nulo nas três ilhas - Graciosa, Flores e Corvo; em início na Terceira [exportam-se pequenas quantidades de queijo]; estacionário, rotineiro mas importante em São Jorge [produção de queijo e manteiga com algum destaque mas longe das suas possibilidades efectivas] e Faial [nesta última ilha produz-se e exporta-se, sobretudo, manteiga]; e em pequena escala no Pico [também aqui se exportam pequenas quantidades de queijo]”, ver também, pp. 72 e 79.

<sup>79</sup> Natural de São Miguel, o seu irmão António era casado com a filha única, “legitimada” e herdeira de António Machado Soares Teixeira, um antigo morgado, importante proprietário local e influente político. Alexandre Leite da Gama já tinha história neste ramo pois havia sido o proprietário duma fábrica de lacticínios “montada com todo o material moderno mais útil e conveniente no Vale das Furnas” em São Miguel no fim da década de 1880, cf Gabriel de Almeida (1889), *As Ilhas dos Açores*, Lisboa: Viúva Bertrand e Cia.

<sup>80</sup> Apesar de uma outra experiência anterior esta parece-nos ser a primeira fábrica de lacticínios digna desse nome que se instalou em São Jorge. Cf. José Cândido da Silveira Avelar (1902), *op. cit.*, p. 135.

<sup>81</sup> José Cândido da Silveira Avelar (1902), *op. cit.*, p. 133-135.

melhores, maiores e mais bem equipadas fábricas, concentravam-se na Terceira, São Jorge e Flores, onde a pecuária dispunha de mais destacadas vantagens comparativas. Em São Miguel e Santa Maria quase todo o fabrico de queijo e manteiga era de origem doméstica<sup>82</sup>. As várias inovações técnicas que surgiram no sector da transformação leiteira durante a segunda metade do século XIX, como a pasteurização, as desnatadeiras mecânicas e os sistemas de refrigeração contínua tiveram uma implantação lenta, limitando-se, somente, às principais unidades de maior dimensão. Os métodos tradicionais continuaram a prosperar, assim como as queixas em relação à má qualidade das manteigas e dos queijos, atribuídas à sua deficiente confecção. Por outro lado, não sabemos se as denominadas fábricas não eram, igualmente, receptoras da pequena produção camponesa, que era aqui homogeneizada e embalada para exportação. Os edifícios das fábricas em muito poucos casos tinham sido preparados de raiz para esta actividade. Na maior parte dos casos as pequenas fábricas funcionavam em lugares adaptados que poderiam ser anexos dependentes da habitação do proprietário, o próprio piso térreo da habitação, ou então casas no meio do campo alugadas a baixo custo.

Em 1911 os industriais queixavam da falta de boas comunicações durante o Inverno e da concorrência das manteigas estrangeiras, naturais e artificiais, e pediam protecção através do aumento da pauta alfandegária e da redução dos fretes da navegação<sup>83</sup>. De facto, a orientação leiteira da economia do distrito deve ser enquadrada numa tentativa se abastecer o grande mercado urbano de Lisboa. Mas as dificuldades de escoamento dos produtos, o elevado preço dos transportes e por vezes a sua má confecção eram obstáculos fortes. De qualquer modo, a indústria dos lacticínios manteve sempre um crescimento relativamente sustentado, apenas abalado por crises conjunturais. Mesmo o desenvolvimento pecuário das áreas dos arredores de Lisboa não conseguiu colocar grandes problemas à produção açoriana que, mercê dos baixos preços e das vantagens comparativas em termos de produção, era capaz de concorrer com a produção continental. Se os produtos açorianos foram-se impondo no mercado lisboeta, certo é que a produção estrangeira continuou importante num segmento de mercado de maiores ren-

---

<sup>82</sup> Aníbal Gomes Ferreira Cabido (1911), “A Indústria dos Lacticínios nos Açores”, pp. 1-30.

<sup>83</sup> Idem, p. 4.

<sup>84</sup> Jácome de Ornelas Bruges (1915), *A Ilha Terceira...*, pp. 81-99.

dimento, onde os queijos mais tradicionais deviam ser postos de parte face aos produtos mais estandardizados das agriculturas do norte europeu<sup>84</sup>.

Os queijos açorianos eram elaborados por pequenas unidades artesanais, faltando-lhes um tipo regional claro que pudesse garantir homogeneidade, rentabilidade e competitividade nos mercados urbanos. Somente, em São Jorge é que se registou um esforço de homogeneização do tipo dos queijos, que foi-se acentuando à medida que se instalavam fábricas sempre um pouco mais modernas, mas que não abandonavam o figurino da pequena unidade, a produzir sazonalmente, com poucos trabalhadores e uma tecnologia nem sempre muito desenvolvida. Esta estandardização num tipo próprio fez com que este tipo de queijo às tantas fosse produzido em várias das ilhas do arquipélago, tomando sobre a mesma denominação produtos com características organolépticas bem diferentes<sup>85</sup>. A exportação manteve-se sempre o principal destino da produção insular, cujo mercado interno era coberto em grande medida pela produção camponesa. Mesmo pensando no escasso segmento de mercado urbano, este deveria ser abastecido, em boa parte pelos sistemas tradicionais de distribuição.

Das 20 unidades recenseadas, 9 localizavam -se na Terceira, onde se concentravam, principalmente, no concelho de Angra e 11 estavam sediadas em São Jorge, no concelho das Velas, na sua vertente norte e na freguesia das Manadas. Em São Jorge, para além destas fábricas, ainda se tinha que contabilizar uma indústria doméstica que ocupava 40 produtores, que transformavam 60.000 kg de manteiga e 24.000 kg de queijo<sup>86</sup>. No conjunto do sector oficial sobressaem pela dimensão a fábrica de José Luís de Sequeira e uma outra cujos proprietários não conseguimos identificar, denominada Nova Empresa Angrense de Lacticínios.

---

<sup>85</sup> Apesar das inúmeras referências à filiação flamenga do queijo de São Jorge, a verdade é que nenhum dos seus mentores alguma vez descreve como seria o medieval lacticínio e quais as semelhanças que apresentaria com os produtos contemporâneos. Dizer que os lacticínios produzidos pelos camponeses no século XIX e XX eram iguais ou semelhantes aos da Flandres quatrocentista só porque alguns povoadores vieram desta região, onde a pecuária estava bem desenvolvida, parece-nos não fazer qualquer sentido. Para mais detalhes quanto a esta mitomania flamenga relativa ao queijo, veja-se, por exemplo, José Augusto Fragoso, Joaquim Tiago Ferreira, Jácome de Ornelas Bruges (1932), “A Agricultura no Distrito da Horta, Subsídios para o seu Estudo”, Separata do *Boletim do Ministério da Agricultura*, ano XIII, n° 1-4, p. 41.

<sup>86</sup> Aníbal Gomes Ferreira Cabido (1911), “A Indústria dos Lacticínios nos Açores”, p. 21.

Quadro 13 - Fábricas de Lacticínios Recenseadas no Distrito de Angra em 1911

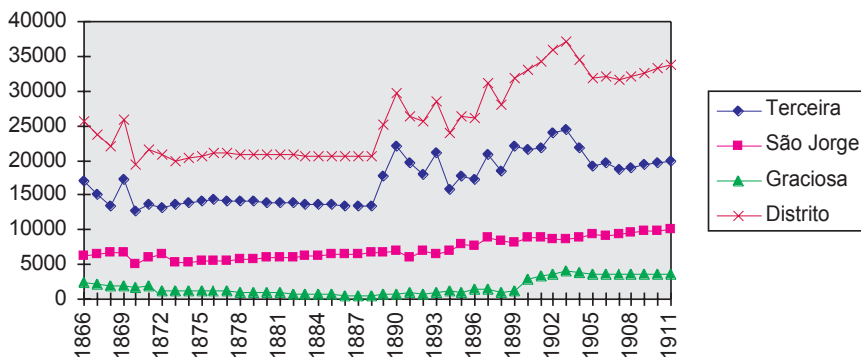
Proprietários das Fábricas	Data da Fundação	Localização	Consumo anual de leite (litros)	Produção de Queijo (kg)	Produção de Manteiga (kg)
José Luís de Sequeira	1887	Reguinho (Angra)	850.000	1.000	40.00
Firma Monjardino & Azevedo	1909	Feteira (Angra)	114.400	-	5.200
Firma José Pacheco Ormonde e Miguel Coelho	1900	Rua de Jesus (Angra)	396.000	-	15.500
Firma Tomás Venceslau & Cia	1908	Carreirinha (Angra)	72.000	4.500	-
Nova Empresa Angrense de Lacticínios	1900	Rua da Rocha (Angra)	850.000	-	36 a 41.000
Liga dos Lavradores	1898	Rua da Alfandega (Angra)	280.000	-	12.600
Três fábricas de um industrial desconhecido	1889	Rua do Infante D. Luís (Angra), Fontinhas e Vila Nova (Praia)	Total de 800.000	-	Total de 36.000 de queijo e manteiga
Empresa Açoriana de Quijos e Manteiga de José Pereira da Cunha da Silveira	1893	Beira (Velas)	300 a 360.00	8.500	9.000
Empresa Industrial de Queijos e Manteiga de Alexandre Leite da Gama	1909	Santo António (Velas)	240.000	10.800	-
Fábrica das Manadas	1904	Manadas (Velas)	120.000	-	5.400
Fábrica do Toledo	1909	Toledo (Velas)	100.000	-	4.500
Fábrica de Santo Amaro	1909	Santo Amaro (Velas)	230.000	6500	6500
Fabrica do Toledo, de M. B. Bettencourt, Sucessores	1902	Toledo (Velas)	240.000	-	10.800
Fábrica de Santo António de J. S. Soares	1907	Santo António (Velas)	90.000	-	4.000
Quatro fábricas de um industrial desconhecido	As três primeiras em 1893 e 4ª em 1895	Beira, Santo António, Santo Amaro, Manadas	Total 920.000	Total 11.300	Total 33.600

Fonte: Aníbal Gomes Ferreira Cabido (1911), “A Indústria dos Lacticínios nos Açores”, *Boletim do Trabalho Industrial* n° 51, pp. 1-30.

Em 20 unidades 9 foram fundadas depois de 1900 e 11 antes, havendo de facto uma concentração enorme a partir da última década do século XIX. Apesar de desconhecermos os proprietários da maior parte delas, encontramos alguns nomes conhecidos dos negócios, da terra e da classe média angrense como, por ordem, José Luís de Sequeira, José Pereira da Cunha da Silveira, Miguel Coelho Borges ou Amadeu Monjardino. No entanto, é provável que, sendo esta actividade em pequena escala, boa parte dos outros nomes dos pequenos industriais sejam os de grandes lavradores ou de comerciantes. Mas por enquanto nada podemos ter como certo.

O gráfico 3 permite-nos confirmar que o desenvolvimento da criação de gado bovino no distrito acompanhou o crescimento das pequenas unidades de lacticínios. Podemos constatar um nítido salto no efectivo pecuário a partir da década de 1890, no qual a ilha Terceira teve o papel mais destacado, embora todas as outras acompanhassem em termos gerais esta trajectória. A partir de 1903 registam-se algumas quebras que, serão contudo, recuperadas poucos anos mais tarde<sup>87</sup>.

Gráfico 3 - Efectivo Bovino no Distrito de Angra, 1866-1911



Na ilha Terceira a aptidão lactígena ia sempre crescendo, auxiliada pelo consumo em grande escala da moderna fábrica de queijo de José Luís de

<sup>87</sup> Informações retiradas das séries da produção agrícola e do efectivo pecuário do distrito de Angra do Heroísmo, desagregadas por concelhos, que estamos neste momento a terminar. No entanto, o quadro com a série do efectivo bovino encontra-se já publicado em Paulo Silveira e Sousa (1998), *As Elites Periféricas...*, anexo I, pp. 381-382.

Sequeira e de outras pequenas unidades produtoras de manteigas. Escrevendo em 1889, o intendente de pecuária do distrito vem confirmar esta trajectória: os interesses dos negociantes e exportadores de gado e as crescentes necessidades de leite para transformação em São Jorge e na Terceira acabavam por incentivar o aperfeiçoamentos das aptidões cevatrizes e lactígenas das manadas existentes<sup>88</sup>. Mas, apesar da industrialização do leite ser uma tendência em desenvolvimento rápido, as percentagens do contingente transformado deviam ser ainda reduzidas, com a provável excepção da ilha de São Jorge, onde o tecido desta actividade industrial era mais denso e coberto por pequenas unidades artesanais.

Não possuímos dados precisos para estabelecer as percentagens de leite transformado em fábricas, e aquelas processadas nas próprias explorações. No entanto, sabemos que as fábricas foram sendo montadas e prosperando, lado a lado com um número assinalável de pequenas unidades artesanais. Este sector manteve-se importante ao longo de todo o período. De facto, ele adequava-se bem à pequenez do mercado e às dificuldades de escoamento dos produtos. A produção doméstica poderia ser escassa, correspondendo a cada produtor uma quota muito pequena. Porém dada o seu elevado número ela resultava não só hegemónica como rentável. O sector leiteiro adequava-se muito bem a uma agricultura camponesa com algum grau de modernização, mas onde não se fizeram sentir os efeitos de alteração das estruturas de propriedade ou dos sistemas de aproveitamento da mão de obra e dos recursos. A estrutura camponesa da propriedade rural do arquipélago e as condições ecológicas do território faziam com que a pecuária e os lacticínios tivessem todas as hipóteses para, mesmo a partir de um nível técnico rudimentar, alcançar uma razoável produtividade. E nesse caso o negócio era sempre aliciante e rentável. De acordo com os dados que apresentámos atrás no quadro 7, em 1895 as exportações de lacticínios do distrito de Angra do Heroísmo atingiam os 76 contos, em 1899 regista-se um salto para os 109 e após uma quebra em 1902 ela encontra-se, em 1903, próxima dos 160 contos. Se bem que estas quantias estejam longe dos cerca de 360 contos que a exportação de álcool chegou a atingir este aumento foi, mesmo assim, importante.

No entanto, as ilhas estavam separadas dos grandes mercados urbanos por muitas milhas de oceano, os preços do transporte marítimi-

---

<sup>88</sup> “Relatório do Intendente da 11ª Região Pecuária relativo ao ano de 1889”, *Boletim da Direcção Geral de Agricultura*, nº 12, 1890, p. 1320; *Relatório da Junta Geral do Distrito de Angra, Apresentado na Sessão Ordinária de Novembro de 1910*, pp. 23-25.

mo eram elevados, assim como os perigos de deterioração destes produtos. Perante a dispersão das pequenas unidades de produção também podemos colocar como provável a existência de problemas de distribuição comercial. O certo é que no mercado lisboeta os produtos lácteos açorianos competiam com os da área de Vale de Cambra, com as leitárias dos arredores da cidade e com as margarinas industriais. Esta concorrência não deixava de fazer levantar um coro de protestos por parte dos criadores e industriais açorianos e dos representantes do distrito nas Cortes<sup>89</sup>. No entanto, se os lacticínios parecem ter sido capazes de manter alguma penetração no mercado da capital, neste momento, ainda pouco se investigou sobre os desenvolvimentos e a trajectória que tiveram nas décadas de 1910 e 1920. Se os mercados do continente apesar de alguma capacidade, se viam afectado por constrangimentos fortes, a colocação destes produtos ao nível do arquipélago só podia ser pequena: o mercado regional era estreito e ainda muito afectado pelo auto-consumo alimentar. Se alguma coisa podemos concluir é que neste contexto a industrialização e transformação do leite não poderiam atingir as cifras de outros países, onde beneficiaram do crescimento populacional, do crescimento dos espaços urbanos e da proximidade face a estes mercados<sup>90</sup>.

### 3 - Afinal quem investia nas actividades industriais?

No distrito de Angra não podemos falar da existência de um grupo de industriais, de um grupo de investidores cujos interesses e rendimentos se localizavam exclusivamente ou maioritariamente nestas actividades. O mais

---

<sup>89</sup> Vejam-se as intervenções de Emídio Lino na Silva Júnior nas sessões parlamentares de 18-01-1907 e 13-03-1907, *Diário da Câmara dos Senhores Deputados, ano de 1907*, vol I, Lisboa: Imprensa Nacional.

<sup>90</sup> Veja-se por exemplo Cormac O'Grada (1977), "The beginnings of the irish creamery system, 1880-1914", *The Economic History Review*, vol. XXX, nº 2, pp. 284-305; D. Taylor (1976), "The english dairy industry, 1860-1930", *The Economic History Review*, vol XXIX nº 4, pp. 585-601; X Carmona e L. de la Fuente (1988), "Crisis agraria y vias de evolución ganadera en Galicia y Cantabria", R. Garrabou (coord.) *La Crisis Agraria de Fines del Siglo XIX*, Barcelona: Critica, pp. 181-211; e Alberte Martínez López (1991), "Antecedentes del sector lácteo gallego, 1890-1935", *Agricultura y Sociedad*, nº 59, pp. 9-40.



comum era encontrarmos grandes negociantes e capitalistas que investiam no sector secundário como forma de diversificar os seus interesses e de aproveitar conjunturas favoráveis. De entre os mais ricos e poderosos nenhum vivia exclusivamente destas actividades, embora homens como Henrique de Castro, Frederico Augusto de Vasconcelos, José Luís de Sequeira e um bem mais acahnado, José Joaquim de Oliveira Braz, tivessem tido aqui uma boa parte da sua base de rendimentos, os dois primeiros durante os prósperos anos do álcool, o terceiro graças ao bom desempenho da sua fábrica de lacticínios e o quarto e último graças à sua fábrica de Tabacos. No entanto, todos eles estavam profundamente ligados com o sector da importação e exportação, com o crédito e com os negócios da navegação. Frederico Augusto de Vasconcelos e Henrique de Castro eram ainda abastados proprietários de prédios urbanos e rústicos e José Luís de Sequeira, igualmente, um dos maiores e mais progressivos lavradores da Terceira, dono de vastos pastos e numerosas cabeças de gado. Outro facto que ajuda a clarificar a composição deste grupo e a sua variedade de interesses é a sua sobreposição parcial com o grupo dos grandes exportadores de cereais. Homens como António Pedro Simões, José Luís de Sequeira, Joaquim José de Oliveira Braz, Alfredo de Mendonça ou Teotónio Martins de Sousa proprietário de padarias, surgiam em várias das listas do governo civil autorizando a exportação a granel de milho e de trigo. Se tentarmos comparar os nomes que estão no quadro 14 com uma lista dos agentes de navegação teremos um resultado muito parecido. Frederico Augusto de Vasconcelos, António Pedro Simões, Henrique de Castro, Alfredo de Mendonça, ou as três gerações sucessivas de Freitas estiveram envolvidas nestes negócios<sup>91</sup>.

O grupo daqueles que tinham interesses no sector era, portanto quase exclusivamente, constituído por alguns pequenos e médios investidores das classes médias, por grandes negociantes e capitalistas e por muito poucos grandes proprietários, que procuravam, assim, diversificar as suas actividades e estar atentos às novas hipóteses de ganhar dinheiro. De um modo geral, se a conjuntura parecia boa e o negócio rentável criava-se uma pequena unidade industrial, individualmente ou em sociedade com algum parente ou amigo, a qual poderia prosperar e durar muitos anos ou ir-se abaixo passado pouco tempo.

---

<sup>91</sup> Cf. Paulo Silveira e Sousa (1998), *As Elites Periféricas: Poder, Trajectórias, e Reprodução Social dos Grupos Dominantes no Distrito de Angra do Heroísmo (1860-1910)*, especialmente o cap. 3, pp. 122-209. A lista dos exportadores de cereais do distrito de Angra em 1894, 1902, 1908, 1910 e 1912 encontra-se no anexo 2 p. 394; a lista dos agentes de navegação na p. 132.

O dinheiro que era preciso para montar mesmo as pequenas fábricas, as dificuldades em conseguir crédito e a instabilidade dos mercados e dos rendimentos auferidos ajudam-nos a perceber porque é que a ligação aos outros sectores de actividade nunca desapareceu do mapa de interesses destes homens. Nos casos de maior sucesso, a estratégia de investimento e de crescimento das fábricas vai mesmo sendo acompanhada por compras no imobiliário urbano ou rural, por contínuas permanências no mercado da usura e no comércio a grosso ou a retalho, como certamente foi o caso de Frederico Augusto de Vasconcelos Sénior e Henrique de Castro. As relações entre o comércio e a indústria eram estreitas e normalmente o primeiro estava na base do segundo. De facto, convinha sempre apostar em mais do que um sector ou uma actividade e manter uma estrutura de interesses bem diversificada.

Podemos pensar na linha de autores como Schumpeter que o empresário é apenas aquele que é capaz de inovar e de conceber novas linhas estratégicas para os negócios. No entanto, o que muitas vezes parece rotina é tão somente cautela e adaptação a conjunturas económicas bastante oscilantes. Nesse sentido, utilizaremos a expressão investidores em vez de empresários. Muitos podem investir na indústria ou nos negócios e não ter a postura agressiva, profissional e de risco que hoje normalmente associamos ao empresário. Ao tentarmos utilizar retrospectivamente esta última definição fica-nos a ideia de que talvez estejamos a tentar configurar os empresários do século XIX a determinadas ideias e representações bem mais contemporâneas, acabando por cair na velha ideia de uma burguesia incipiente e com pouca vontade de arriscar os seus capitais.

Parte destes grandes negociantes não eram *self-made-men*, nem *parvenus* acabados de chegar ao contacto com o dinheiro. Nos negócios e no crédito, tal como na terra, as dinastias burguesas existiam e reproduziam-se. Muitas vezes os seus descendentes continuavam os seus passos e a chama da velha casa de negócios continuava acesa, mesmo quando parte dos descendentes se ia integrando noutras carreiras e adaptando a uma vida de lazer. Por exemplo, Henrique de Castro, Frederico Augusto de Vasconcelos e Alfredo de Mendonça eram filhos e netos de comerciantes ou negociantes e bem aparentados com outras famílias destacadas da burguesia angrense, o mesmo sucedendo com os menos abastados Manuel e Silvério Severino Soares de Avelar. Por sua vez, José Augusto da Silva Sampaio e Teotónio de Bettencourt Pita eram filhos de uma classe média culta, bem instalada e bem relacionada, igualmente com familiares no sector dos negócios.

Quadro 14 - Investidores nas Actividades industriais do Distrito de Angra (1870-1910)

Industriais	Ramos de Actividade	Situação e interesses noutras actividades económicas	Origem social
Frederico Augusto de Vasconcelos	Álcool	Negociante, proprietário, capitalista, antigo agente de navegação	Filho de um grande negociante falido
Henrique de Castro	Álcool	Negociante, proprietário, capitalista	Filho de um comerciante de tecidos
João de Freitas	Álcool	Negociante, médio proprietário, capitalista, dono de navios	Filho de camponeses
João Marcelino de Mesquita Pimentel	Tabacos	Empresário	Família de pequenos morgados das Flores
Joaquim José de Sousa Freitas	Álcool	Negociante, médio proprietário, dono de navios, agente da Insulana	Filho de negociantes
João Nogueira de Freitas	Sabões	Funcionário público, negociante, médio proprietário, Agente da Insulana	Filho de negociantes
Teotónio Martins de Sousa	Padaria	Negociante, exportador de cereais	-
Manuel Francisco da Silva Matos	Fábrica de Luvas	-	-
José Augusto da Silva Sampaio	Fábrica de Papel	Funcionário das Alfândegas	Classe média, médicos
José Maria Correia de Ávila	Pregos e fundição	-	-
Teotónio de Bettencourt Pita	Pregos e fundição	-	Funcionários públicos
Manuel Moniz Barreto do Couto	Álcool	Proprietário	Fidalguia, morgado
José Luís de Sequeira	Lacticínios	Grande lavrador e exportador de gado	Médios lavradores
Irmãos Manuel e Silvério Severino Soares de Avelar	Tabacos	Pequeno industrial	Filhos de comerciantes e netos de negociantes
José Joaquim de Oliveira Braz	Tabacos	-	-
João Belo de Morais	Sabões	Negociante	-
Alfredo de Mendonça	Manteigas	Negociante	Negociantes
António Pedro Simões	Serraria	Negociante, dono de alambiques e de navios	-
José Pereira da Cunha da Silveira e Sousa	Lacticínios	Proprietário, agrónomo e funcionário público	Grandes proprietários e Morgados
Alexandre Leite da Gama Bettencourt	Lacticínios	Proprietário	Morgados

Fonte: Inquéritos Industriais de 1881 e 1891 e Paulo Silveira e Sousa (1998), *As Elites Periféricas: Poder, Trajectórias, e Reprodução Social dos Grupos Dominantes no Distrito de Angra do Heroísmo (1860-1910)*, especialmente o cap. 3.

De entre os muito ricos apenas António Pedro Simões, João de Freitas, José Joaquim de Oliveira Braz e José Luís de Sequeira vêm de uma posição modesta. Mesmo assim o último deles vem a ser parente de Gabriel de Sousa Pereira, que nas décadas de 1850 e 1860 havia sido o mais rico capitalista e usurário de Angra<sup>92</sup>. No entanto, em qualquer dos casos estes indivíduos de origem modesta darão origem e continuidade a importantes casas comerciais ou à integração dos seus filhos na notabilidade da cidade<sup>93</sup>.

Embora o quadro 14 seja apenas uma amostra provisória que engloba parte dos mais destacados ou dos grandes pioneiros das actividades industriais, um dos factos mais curiosos que podemos aqui descobrir é a notória ausência de nomes ligados à fidalguia de Angra e aos grandes morgados da Terceira. Da amostra apenas um decadente Manuel Moniz Barreto do Couto era proprietário de uma pequena unidade de produção de álcool. O seu filho será mais tarde, primeiro oficial do governo civil, nunca desenvolvendo actividades na área dos negócios ou da indústria. Os outros exemplos de indivíduos originários dos grupos sociais tradicionais e terratenentes vêm de outras ilhas, como é o caso de José Pereira da Cunha da Silveira Júnior, cujo pai e tio já apareceram relacionados com a compra, em São Jorge, de uma máquina a vapor, na década de 1860. O que sabemos sobre a elite terratenente tradicional da Terceira leva-nos a pensar que eles já se encontravam endividados e descapitalizados, com uma estrutura de rendimentos muito assente em foros a trigos que se foram sempre desvalorizando. Nos casos em permaneceram abastados os investimentos foram realizados preferencialmente na compra de terra ou no desenvolvimento pecuário<sup>94</sup>. No entanto só um tratamento mais intensivo dos inventários orfanológicos deste grupo de investidores e, por exemplo, a lista dos accionistas terceirenses das fábricas de álcool de Vale de Linhares e das Lages nos permitiria tirar conclusões mais definitivas.

Como referimos atrás, um dos factores decisivos do desenvolvimento é a existência de uma estrutura socioeconómica dotada de agentes

---

<sup>92</sup> Paulo Silveira e Sousa (1998), *As Elites Periféricas: Poder, Trajectórias, e Reprodução Social dos Grupos Dominantes no Distrito de Angra do Heroísmo (1860-1910)*, pp. 140-142. Informação gentilmente cedida pelo genealogista, José Leite Pereira da Cunha da Silveira.

<sup>93</sup> Paulo Silveira e Sousa (1998), *Idem*, pp. 122-209.

<sup>94</sup> Paulo Silveira e Sousa, *Idem*, especialmente o capítulo II, pp. 38-101.

capazes de promover a inovação tecnológica e a mudança. Nesse sentido, a teoria schumpeteriana põe como condição básica do desenvolvimento económico a existência de elites empresariais dinâmicas, capazes de apostar na inovação. Porém, a inovação para existir precisa de mercados com alguma dimensão, de capacidade de mobilização de capitais e de acesso fácil a outros mercados e matérias primas. De outro modo, não se podem introduzir novos bens, a organização de novos métodos de produção torna-se mais difícil, assim como a conquista de mercados ou fontes de matérias primas ou semi-transformadas<sup>95</sup>. Por outro lado, esta relação não é mecânica e nem sempre a melhor eficiência técnica corresponde à melhor eficiência económica. As tecnologias, tal como os comportamentos que à partida parecem ser conservadores, podem mais não ser do que uma adaptação muito pragmática a uma realidade local marcada por outros constrangimentos à mudança. A ausência de um olhar sobre estes aspectos pode levar a que se façam interpretações de tipo “culturalista”, a que se caia na classificação rápida destas elites como tradicionais e refractárias à mudança. A expansão ou a persistência de indústrias ou actividades transformadores tradicionais tem igualmente que ser explicadas neste quadro. Podemos e devemos então perguntar se a aposta em actividades que parecem tradicionais, não foi mesmo assim capaz de introduzir alguma modernização, diversificação e crescimento, articulando, como sucedeu com a actividade pecuária no sector leiteiro, agricultura e pequena transformação industrial.

No distrito de Angra de Heroísmo, periferia longínqua de um país esmagadoramente agrícola, não tínhamos fábricas suficientemente modernizadas para aglomerar um conjunto razoável de trabalhadores, para concentrar e centralizar a produção, formando unidades bem integradas nas redes de circulação de capitais. A compra de terra, a ligação à agricultura, ou os negócios da navegação, do crédito e da usura continuavam, por isso, investimentos bastante rentáveis<sup>96</sup>. Tal como Helder Fonseca defendeu para o caso da elite económica de Évora é possível que o inves-

---

<sup>95</sup> José Manuel Lopes Cordeiro (1996), “Empresas e empresários portuenses...”, pp. 332. E Joseph Schumpeter, (1978), *Teoria del Desarrollo Economico*, Mexico: Fondo de Cultura Economica, (1ª edição em 1912).

<sup>96</sup> Cf. Paulo Silveira e Sousa (1998), *As Elites Periféricas: Poder, Trajectórias, e Reprodução Social dos Grupos Dominantes no Distrito de Angra do Heroísmo (1860-1910)*, especialmente o cap. 3, pp. 122-209.

timento no sector agrário, através de aquisições fundiárias e da exploração agrícola e pecuária, seja compatível com uma explicação baseada na escolha do caminho mais seguro e rentável para concretizar os seus objectivos económicos<sup>97</sup>. E por si só, a simples aposta nestes investimentos não quer dizer que não existiu uma transformação da economia local, que se conseguiu diversificar e reconverter e que provavelmente foi capaz de manifestar um relativo crescimento económico.

#### **4 - Conclusão: um mundo de possibilidades escassas**

A indústria do distrito de Angra do Heroísmo viveu sempre constrangida pela fragmentação e reduzida escala dos mercados insulares, lutando com custos de produção que, muitas vezes, eram difíceis de controlar. A batalha englobou também várias imposições de monopólios por parte do Estado, que nas últimas décadas do século XIX tentava, desta forma, resolver o desequilíbrio constante das finanças públicas. Uma boa parte dos grandes investimentos industriais açorianos foram feitos em sectores modernos, importantes e com uma ampla procura, como era o caso do álcool ou do tabaco. Mas se este facto parece pelo menos demonstrar que os investidores sabiam onde estavam a colocar os seus capitais, estas eram igualmente áreas onde a pressão fiscal do Estado e os poderosos grupos de interesse nacionais tinham particulares apetências. E neste caso o arquipélago pouco contava, apesar da luta política que travou, na década de 1890, em defesa do álcool. A aposta no ramo dos lacticínios parece-nos ter sido, igualmente, uma escolha racional, moderna e atenta aos mercados. Tentava-se aproveitar um sector onde havia uma grande procura disponível, onde as matérias-primas eram abundantes e os custos de produção locais baixos e bem integrados com as actividades agrícolas. Analisando com pormenor a trajectória das actividades industriais do distrito de Angra vimos como este foi um mundo relativamente dinâmico e progressivo. Se as actividades industriais nada contavam entre as exportações do distrito no início da década de 1870, elas tiveram um peso crescente com a indústria do álcool, a partir de 1882. O salto dado se bem que

---

<sup>97</sup> Helder Fonseca (1996), *O Alentejo no Século XIX: Economia e Atitudes Económicas*, p. 15.

pareça pequeno, foi a nível local enorme e este ramo permaneceu importante durante quase 20 anos. Se o fim abrupto do álcool parece encerrar um capítulo da história das actividades industriais no distrito de Angra do Heroísmo devemos ter também em conta que as exportações de lacticínios e de gado foram sempre crescendo nos anos posteriores, facto que se não permite um balanço globalmente positivo, indica, pelo menos, uma marcha regular das actividades e dos investimentos<sup>98</sup>.

Porém, o pequeno sector secundário do distrito estava e permaneceu estrangulado por um mercado estreito e por encargos e dificuldades com os transportes que encareciam consideravelmente os custos e diminuía a sua capacidade de concorrer com os produtos continentais. A ligação aos mercados exteriores era não só estrutural na economia insular, como era também estruturante. Ela condicionava as hipóteses de implantação e desenvolvimento das actividades económicas e conduzia a uma forte dependência quer face a flutuações dos preços dos produtos (que não poderiam ser controladas localmente), quer face à disponibilidade e custo dos transportes e à inserção nas redes do comércio internacional<sup>99</sup>.

Na segunda metade do século XIX, a economia do arquipélago, tal como a das áreas mais periféricas do continente, apresentava-se fragmentada em múltiplos mercados locais. O comércio, tirando os três principais pólos urbanos, circunscrevia-se à curta distância, e a procura encontrava-se pulverizada: uma situação que incentivava o pequeno trato e não promovia a especialização dentro do sector<sup>100</sup>. Face a este panorama não é de estranhar que, assim como no resto do País, o discurso da Regeneração e do fomento estivesse sempre estreitamente ligado ao desenvolvimento dos transportes e comunicações, numa tentativa de ampliar a circulação interna e as relações com o exterior, tornando-as mais cómodas, fáceis e baratas<sup>101</sup>. No entanto, à

---

<sup>98</sup> Em ilhas como São Jorge e a Graciosa outra actividade estava também em franco progresso: a pesca da Baleia. O papel das armações e da transformação industrial realizada não se encontra contudo estudado e mereceria um olhar mais atento.

<sup>99</sup> Maria Isabel João (1991), *Os Açores no Século XIX...*, 99-101.

<sup>100</sup> Fátima Sequeira Dias (1995), “Decadência da economia da laranja e o despontar do ideal autonomista na ilha de São Miguel”, *Actas do Congresso do 1º Centenário da Autonomia dos Açores*, Ponta Delgada: Jornal de Cultura.

<sup>101</sup> Veja -se a larga e completa descrição para o Portugal continental que faz David Justino (1989-1990), *A Formação do Espaço Económico Nacional, Portugal 1810-1913*, vol I.

excepção do período da laranja as Ilhas pareciam ter muito pouco a oferecer umas às outras e a saída não estava num sector industrial que se circunscrevia a São Miguel e mais secundariamente à Terceira e que pouco podia dinamizar o mercado regional ou promover a sua articulação.

Para compreender a contínua presença da indústria oficial e doméstica, mesmo nos pequenos centros urbanos, é necessário enquadrá-los numa sociedade que permaneceu em larga medida rural, sem que no seu seio se tivessem deixado de estabelecer algumas empresas mais dinâmicas e modernas, com maior dimensão e capacidade de ocupação de mão de obra numa lógica mais intensiva. Ana Cardoso de Matos, estudando a indústria do distrito de Évora, refere que a formação de espaços económicos mais amplos durante o século XIX, acarretou para algumas indústrias e para algumas áreas um processo de desindustrialização e de crescente especialização em certos sectores produtivos e em certas actividades transformadoras<sup>102</sup>. A concorrência tecnológica das fábricas melhor equipadas dos principais centros urbanos do país estrangulava as pequenas unidades locais, muito dependentes de formas tradicionais de produção e de recursos naturais, onde os capitais, a cultura técnica e a mão de obra qualificada escasseavam, fazendo com que o seu ciclo de trabalho fosse muitas vezes sazonal. As unidades das regiões centrais mais modernas e tecnicamente melhor apetrechadas eram capazes de produzir melhor, a mais baixo custo, conseguindo abastecimentos suficientes para funcionar por períodos de tempo consideravelmente mais longos.

Se podemos discutir a existência de um processo de desindustrialização onde, pelo menos, existia uma densa proto-actividade industrial ou pelo menos alguns sectores relativamente tradicionais mas dinâmicos, no caso do distrito de Angra teremos que olhar de outra forma esta questão. Aqui, a pequena dimensão e número dos estabelecimentos, assim como a ausência de uma forte e integrada rede de trocas económicas entre os vários espaços insulares foram muito fortes até bem tarde. Ponta Delgada nunca absorveu as fábricas dos restantes espaços açorianos. Embora esta afirmação deva ser matizada e melhor estudada no caso do álcool e dos desenvolvimentos em direcção à transformação de açúcar, o que vemos é, sobretudo, o crescimento e o aprofundamento de uma

---

<sup>102</sup> Ana Cardoso de Matos (1991), “A indústria no Distrito de Évora, 1836-1890”, *Análise Social*, vol. XXVI, nº 112-113, pp. 561-581. Veja-se também David Justino (1989-1990), *A Formação do Espaço Económico Nacional*. Ver a revisão desta tese em Hélder Fonseca (1996), *O Alentejo no Século XIX: Economia e Atitudes Económicas*, pp. 29-73.



tripolaridade a várias velocidades, onde São Miguel continua sempre a crescer com maior rapidez e a afastar-se do nível das restantes ilhas, num espaço que permanece fracamente articulado e integrado em termos das infra-estruturas, dos circuitos de transporte e dos circuitos económicos. Contudo esta divisão em três centros, e em que um deles vai progressivamente reforçando o seu peso, não deverá ser vista à partida como um obstáculo ao desenvolvimento económico das ilhas. Tal como escreve David Justino, referindo-se ao peso da bipolarização entre Lisboa e Porto no continente, “o problema que se deverá pôr é o de saber até que ponto esses centros se vão articular entre si e se serão ou não suficientemente dinâmicos e inovadores para redimensionar as respectivas periferias”<sup>103</sup>. No caso dos Açores, a ilha de São Miguel ficava relativamente afastada das restantes, estava dotada com mais recursos e mercados mais amplos. Mas, os centros não estavam suficientemente articulados entre si, nem com as suas periferias. O dinamismo e inovação de São Miguel tinham um alcance demasiado restrito para abranger mesmo várias ilhas do arquipélago.

Para além destes constrangimentos a produção industrial ainda era afectada por vários impostos municipais que reduzindo os lucros dos seus proprietários e accionistas, permitia contudo proteger e orientar mercados e áreas de maior influência. Porém, esta tributação extra acabava por aumentar a fragmentação dos mercados. Protegendo a sua ilha, o seu concelho e o seu espaço económico dificultava a integração e expansão da produção regional, muito embora estas medidas fossem, em boa parte dos casos, ao encontro dos pedidos dos industriais locais, temerosos da concorrências das ilhas mais desenvolvidas ou dos mercados externos.

Se a realidade industrial do distrito de Angra, vista no seu conjunto, parece permanecer insignificante, convém referir que houve, de facto, um crescimento e diversificação das indústrias do distrito. No entanto, ela não foi suficiente quer para empregar os excedentes de mão de obra agrícola que continuamente viram na emigração a saída mais viável para a sua reprodução ou mobilidade social; quer para alterar a estrutura económica do distrito num sentido mais moderno, aproximando-o das áreas centrais e desenvolvidas. Podemos dizer aqui que houve crescimento e diversificação, mas que estes não foram suficientes para fazer convergir a economia do dis-

---

<sup>103</sup> David Justino (1989-1990), *A Formação do Espaço Económico Nacional, Portugal 1810-1913*, vol I, pp. 395-397.

trito em direcção ao principal centro regional e em direcção às economias mais desenvolvidas do exterior.

Se retirarmos os casos do álcool, dos tabacos e dos lacticínios, a restante indústria do distrito de Angra permaneceu muito tradicional e ligada ao consumo local de certos produtos, presa a um mercado pequeno, sempre à beira da saturação e da concorrência de preços com os produtos vindos do exterior. Na verdade, as indústrias que constituíram o núcleo central do sector nos Açores, no final do século XIX, como é o caso do álcool e do tabaco, apesar de intensivas em termos de tecnologia, estavam estreitamente ligadas às matérias primas agrícolas, disponíveis localmente, e à sua transformação. Tratava-se claramente de uma estratégia que pretendia reduzir os elevados custos de importação das matérias primas, potenciando ao máximo as poucas vantagens comparativas das ilhas. Ao mesmo tempo, a produção artesanal se bem que não manifestasse uma eficiência técnica na produção, podia do ponto de vista económico ser muito mais eficiente do que se tem suposto, dado produzir a baixos custos, articulada com as explorações agrícolas e menos afectada por eventuais rendimentos decrescentes. A sua longa persistência deve também ser explicada através desta linha de interpretação e não apenas através das recorrentes referências a uma nebulosa permanência da tradição, à falta de uma burguesia empresarial, de tecnologia moderna, de protecções estatais ou de mercados privilegiados para a produção mais avançada.

O desenvolvimento das actividades industriais no distrito de Angra do Heroísmo fez-se, pois, através de uma adequação constante às realidades sócio-económicas locais e às poucas oportunidades de negócios surgidas no exterior. No entanto, retirando algumas produções em grande escala ele manteve-se tradicional, com um fraco uso da máquina a vapor, da centralização fabril, da mecanização da produção, do investimento intensivo e da procura de inovação, tal como de resto sucedeu noutras áreas do continente, onde a indústria teve um muito maior crescimento e um comportamento bem mais estruturador do tecido económico local e regional<sup>104</sup>.

Uma economia pode desenvolver-se e levar a cabo uma modernização relativa de certos sectores e inclusive da sua estrutura social, sem

---

<sup>104</sup> Veja-se para a área do Porto, José Manuel Lopes Cordeiro (1996), “Empresas e empresários portugueses”..., p. 335.

que a fronteira tecnológica seja grandemente modificada. A nosso ver este parece ter sido o caso do arquipélago dos Açores. Por isso, devemos escrever com cuidado quando atribuímos grandes consequências, por exemplo, à permanência do carácter arcaico e rudimentar das técnicas e da tecnologia agrícolas ou da estrutura da propriedade. Com um sector industrial incipiente, preso a um pequeno mercado fragmentado e a enormes custos de transporte, pensamos que seria difícil que a libertação de mão de obra agrícola pudesse estimular o desenvolvimento dos outros sectores económicos. Do mesmo modo não seria indispensável, nem uma consequência lógica, que a intensificação produtiva conduzisse ao desenvolvimento de uma gestão capitalista das explorações agrícolas. Se temos que procurar causas para o fraco desenvolvimento capitalista da agricultura, estas deverão ser observadas mais de perto numa análise da estrutura de rendimentos da elite local e no lucros que as várias actividades e hipóteses de investimento eram capazes ou não de garantir. Também ainda desconhecemos até que ponto a agricultura das ilhas teve ou não um comportamento progressivo e conseguiu ou não produzir e manter níveis de crescimento. As permanentes queixas contra a estrutura da propriedade e contra a exploração camponesa podem esconder um mundo muito mais dinâmico que soube reconverter produções e apostar numa modernização de pequena escala, adaptada ao talhe da casa e da ideologia camponesa.

O próprio consumo das populações rurais dificilmente poderia ser expandido nestas circunstâncias e servir de motor a outros sectores económicos locais. De facto, ele só começou a desenvolver-se com o progressivo reforço da exploração camponesa independente nos espaços rurais açorianos, normalmente associada à emigração e à quebra da grande propriedade local e do morgadio. Mesmo assim, o consumo baseou-se sempre em produtos importados e numa lógica claramente conservadora, na qual a casa e a autossustentação camponesa detinham os principais trunfos, ficando o resto entregue ao sector comercial de importação.

No entanto só aparentemente este retrato está perpassado de um certo fatalismo. É preciso tomar como ponto de partida que a economia do distrito de Angra tinha um fraco potencial, oferecia produtos pouco valorizados nos mercados externos e em quantidades relativamente pequenas, não se encontrava bem integrada dos circuitos de navegação, crescia mais devagar que São Miguel - onde a população e os centros urbanos aumentavam a um ritmo muito maior -, tinha menos recursos naturais e capitais. Mas a sua eco-

nomia não estava parada, nem sequer decadente, apesar de não conseguir convergir em direcção a São Miguel que se assumia, cada vez mais, como o principal pólo do Arquipélago. As elites de Angra investiram na terra, nos negócios do comércio, nas caixas económicas, no desenvolvimento agrícola. E a situação das três ilhas em 1910 era, de qualquer forma, muito mais positiva do que em 1870, graças também aos efeitos associados à emigração.

Para romper este círculo era preciso inovar e produzir a baixo preço: duas das formas de se poder competir nos mercados exteriores. Ora, a inovação necessitava de capitais abundantes, mercados, mão de obra especializada e novas técnicas de gestão, factores que na verdade ou não estavam disponíveis ou o estavam, apenas, em muito pequena escala. Não será por isso de estranhar que as unidades do distrito de Angra do Heroísmo, muitas vezes, se tenham limitado, muito prudentemente, a corresponder à procura local, mantendo actividades tradicionais de carácter artesanal e manufactureiro, ou de pequena escala<sup>105</sup>. Simultaneamente, o pouco que sabemos indica-nos que os capitais tinham melhor e mais certo retorno nas actividades comerciais, no *import-export*, na usura, ou no crédito, que numa muito mais difícil e oscilante produção industrial<sup>106</sup>.

Contudo, conviria tentar aprofundar mais o estudo das principais actividades industriais, não só daquelas como o tabaco e o álcool que se organizavam em torno de unidades já relativamente grandes e que empregavam um número de operários significativo, mas também de outras como os lacticínios que, estando estreitamente articuladas com a produção agrícola e as explorações camponesa e possuindo, na maior parte dos casos, uma tecnologia muito tradicional, alimentavam já uma exportação em contínuo crescimento para o mercado continental. Casos como os da fábrica de álcool de Frederico Augusto de Vasconcelos e de Henrique de Castro, da fábrica de lacticínios de José Luís de Sequeira ou dos Tabacos Flor Angrense parecem ter tido um sucesso importante, mantendo-se por décadas com uma relativa dimensão no meio empresarial e económico local. Porém, o estudo monográfico e detalhado destas unidades e destes ramos da produção industrial ficará para próximos trabalhos.

---

<sup>105</sup> José Manuel Lopes Cordeiro (1996), “Empresas e empresários portuenses na segunda metade do século XIX”, pp. 321.

<sup>106</sup> Cf. Paulo Silveira e Sousa (1998), *As Elites Periféricas...*, especialmente o cap. 3, pp. 122-209.